

Felipe Basso

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA MEDIDA PARA OS  
CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS DO TRANSTORNO DE  
PERSONALIDADE ANTISSOCIAL:  
O MODELO DIMENSIONAL DOS CINCO GRANDES FATORES E  
OS CRITÉRIOS DO DSM 5**

Dissertação submetida ao Programa de Pós  
Graduação em Psicologia para a obtenção  
do Grau de Mestre.

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina:  
Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto Da  
Silva Nunes

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Basso, Felipe Silva Mathes

Evidências de validade de uma medida para os critérios de diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial : O modelo dimensional dos cinco grandes fatores e os critérios do DSM 5 / Felipe Silva Mathes Basso ; orientador, Carlos Henrique Sancineto Da Silva Nunes - Florianópolis, SC, 2014.  
124 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Transtorno de Personalidade. 3. Personalidade Antissocial. 4. CGF. 5. Medidas em Psicologia. I. Nunes, Carlos Henrique Sancineto Da Silva . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Felipe Basso

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA MEDIDA PARA OS  
CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS DO TRANSTORNO DE  
PERSONALIDADE ANTISSOCIAL: O MODELO DIMENSIONAL  
DOS CINCO GRANDES FATORES E OS CRITÉRIOS DO DSM 5**

Esta Dissertação foi julgada aprovada para a obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia.

Florianópolis, 27 de fevereiro 2014.

---

Prof. Dr.  
Coordenador  
Universidade ...

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto Da Silva Nunes  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Maiana Farias Oliveira Nunes  
Instituto de Educação Superior Avantis

---

Marucia Patta Bardagi  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este a Priscilla. Todo meu carinho e minha gratidão para minha esposa. Mantive-me forte quando fraco e confiante ante as dificuldades.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à UFSC e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Nunes. Agradeço ao professor e colega de profissão, Prof. Dr. Roberto Cruz. Agradeço aos colegas de mestrado pelas discussões. Agradeço à minha esposa, Priscilla, e aos meus familiares pela confiança.



A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê. (Arthur Schopenhauer)



## **RESUMO**

A presente dissertação teve como objetivo a construção de uma escala para a avaliação do Transtorno de Personalidade Antissocial e a busca de evidências de validade pela estrutura interna e evidências de validade de construto relacionado, de acordo com o modelo categórico-dimensional utilizado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Para tanto, foi elaborada uma estratégia metodológica para a construção de itens específicos ao quadro clínico, a realização de estudos de estrutura interna do instrumento, através da análise fatorial e das evidências de validade convergente, utilizando-se o instrumento Inventário Dimensional Clínico da Personalidade. Os resultados indicaram uma existência de 10 fatores gerais para a explicação do fenômeno, em que estes fatores estão conectados aos cinco fatores gerais, base para a pesquisa. A estrutura interna do instrumento mostrou-se adequada e a correlação com o IDCP apresentou resultados satisfatórios.

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Antissocial. Transtornos de personalidade. Personalidade. Evidências de Validade. DSM-5. Cinco Grandes Fatores.



## **ABSTRACT**

This dissertation aimed to construct a scale for Antisocial Disorder and the search for the internal structure and validity related, according to the model used in the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. To that end, we developed a methodology for the construction of the specific clinical items, conducting studies of internal structure of the instrument through factor analysis and evidence of convergent validity, using the instrument Inventário Dimensional Clínico da Personalidade. The results indicated the existence of 10 general factors for the explanation of the phenomenon, in which these factors are connected to the five general factors, basis for the research. The internal structure of the instrument was adequate and the correlation with the IDCP showed satisfactory results.

**Keywords:** Antisocial Disorder. Personality disorders. Personality. DSM 5. Big Five.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	scree plot dos dados reais e simulados da IDPS .....	64
Figura 2	scree plot dos dados reais e simulados - Análise Fatorial com Interatividade .....	65
Figura 3	Mapa da distribuição dos itens Fator 1 .....	70
Figura 4	Mapa da distribuição dos itens Fator 2 .....	73
Figura 5	Mapa da distribuição dos itens Fator 3 .....	76
Figura 6	Mapa da distribuição dos itens Fator 4 .....	79
Figura 7	Mapa da distribuição dos itens Fator 5 .....	82
Figura 8	Mapa da distribuição dos itens Fator 6 .....	85
Figura 9	Mapa da distribuição dos itens Fator 7 .....	88
Figura 10	Mapa da distribuição dos itens Fator 8 .....	91
Figura 11	Mapa da distribuição dos itens Fator 9 .....	94
Figura 12	Modelo de Regressão 10 Fatores - TPA .....	99
Figura 13	Modelo de Regressão 10 Fatores - Método <i>Stepwise</i> .....	100



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Análise Fatorial 5 Grandes Fatores . . . . .	67
Tabela 2	Itens do Fator 1 - Risco <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	68
Tabela 3	Parâmetros psicométricos para o Fator 1 . . . . .	71
Tabela 4	Itens do Fator 2 - Amabilidade <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	72
Tabela 5	Parâmetros psicométricos para o Fator 2 . . . . .	74
Tabela 6	Itens do Fator 3 - Impulsividade <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	75
Tabela 7	Parâmetros psicométricos para o Fator 3 . . . . .	77
Tabela 8	Itens do Fator 4 - Confiança <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	78
Tabela 9	Parâmetros psicométricos para o Fator 4 . . . . .	80
Tabela 10	Itens do Fator 5 - Instabilidade Emocional <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	81
Tabela 11	Parâmetros psicométricos para o Fator 5 . . . . .	83
Tabela 12	Itens do Fator 6 - Controle Emocional <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	84
Tabela 13	Parâmetros psicométricos para o Fator 6 . . . . .	86
Tabela 14	Itens do Fator 7 - Comunicação <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	87
Tabela 15	Parâmetros psicométricos para o Fator 7 . . . . .	89
Tabela 16	Itens do Fator 8 - Antagonismo Social <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	90
Tabela 17	Parâmetros psicométricos para o Fator 8 . . . . .	92
Tabela 18	Itens do Fator 9 - Agressividade <i>Infit</i> e <i>outfit</i> . . . . .	93
Tabela 19	Parâmetros psicométricos para o Fator 9 . . . . .	95
Tabela 20	Correlação entre os fatores IDCP e IDPS . . . . .	97



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM	Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais . . . . .	26
APA	Associação Americana de Psiquiatria . . . . .	26
OMS	Organização Mundial da Saúde . . . . .	26
CID	Classificação Internacional de Doenças . . . . .	26
16PF	Questionário de 16 Fatores de Personalidade . . . . .	38
CGF	Cinco Grandes Fatores . . . . .	39
EFN	Escala Fatorial de Neuroticismo . . . . .	42
TPA	Transtorno de Personalidade Antissocial . . . . .	44
EFEx	Escala Fatorial de Extroversão . . . . .	44
BFP	Bateria Fatorial de Personalidade . . . . .	45
IDCP	Inventário Dimensional Clínico da Personalidade . . . . .	56



## **LISTA DE SÍMBOLOS**



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	25
1.1	OBJETIVOS .....	28
1.1.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	28
1.1.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	28
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	29
2.0.3	<b>Teoria dos Traços de Personalidade</b> .....	29
2.0.4	<b>Gordon W. Allport e a Teoria dos Traços de Personalidade</b> .	30
2.0.5	<b>Conceitos Relacionados com a Personalidade, segundo Gordon W. Allport</b> .....	31
2.0.5.1	Caráter .....	31
2.0.5.2	Temperamento .....	33
2.0.5.3	Traços .....	34
2.0.6	<b>A Teoria Fatorial dos Traços de Raymond Bernard Cattell</b> .	36
2.0.6.1	Traços de Personalidade .....	36
2.0.6.2	O método de pesquisa de Cattell .....	37
2.0.7	<b>Cinco Grandes Fatores da Personalidade</b> .....	38
2.0.8	<b>O Modelo dos Cinco Grandes Fatores</b> .....	40
2.0.8.1	Neuroticismo .....	40
2.0.8.2	Extroversão .....	43
2.0.8.3	Realização .....	45
2.0.8.4	Socialização .....	46
2.0.8.5	Abertura .....	48
2.0.9	<b>TPA: a construção histórica de um conceito</b> .....	49
2.0.10	<b>Do CID ao DSM: Modelos de diagnóstico da TPs</b> .....	50
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	55
3.0.11	<b>1ª Etapa: Construção do Instrumento</b> .....	55
3.0.12	<b>2ª Etapa: Evidências de validade do instrumento</b> .....	56
3.0.12.1	Instrumentos Utilizados .....	57
3.0.12.2	Participantes .....	57
3.0.12.3	Procedimentos .....	58
3.0.12.4	Procedimentos de análise de dados .....	58
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	61
4.1	<b>EVIDÊNCIAS DE VALIDADE</b> .....	61
4.1.1	<b>Evidências de validade de conteúdo</b> .....	61
4.1.2	<b>Evidências baseadas na estrutura interna</b> .....	62
4.1.2.1	Análise Fatorial .....	62
4.1.2.2	Análise fatorial - Segunda Etapa .....	66

<b>4.1.3</b>	<b>Análise da escala IDPS com o uso do modelo de escalas graduadas</b> .....	66
4.1.3.1	Análise das propriedades psicométricas do Fator 1 - Risco com o uso do modelo de Rasch .....	68
4.1.3.2	Análise das propriedades psicométricas do Fator 2 - Amabilidade com o uso do modelo de escalas graduadas .....	72
4.1.3.3	Análise das propriedades psicométricas do Fator 3 - Impulsividade com o uso do modelo de escalas graduadas .....	75
4.1.3.4	Análise das propriedades psicométricas do Fator 4 - Confiança nas Pessoas com o uso do modelo de escalas graduadas .....	78
4.1.3.5	Análise das propriedades psicométricas do Fator 5 - Instabilidade Emocional com o uso do modelo de escalas graduadas ...	81
4.1.3.6	Análise das propriedades psicométricas do Fator 6 - Controle Emocional com o uso do modelo de escalas graduadas .....	84
4.1.3.7	Análise das propriedades psicométricas do Fator 7 - Comunicação com o uso do modelo de escalas graduadas .....	87
4.1.3.8	Análise das propriedades psicométricas do Fator 8 Antagonismo Social com o uso do modelo de escalas graduadas .....	90
4.1.3.9	Análise das propriedades psicométricas do Fator 9 Agressividade com o uso do modelo de escalas graduadas .....	93
<b>4.1.4</b>	<b>Evidências de validade convergente e de construto relacionado</b> .....	96
4.1.4.1	Correlação entre os fatores .....	96
<b>4.1.5</b>	<b>Evidência de validade de critério - Associação do protótipo de TPA e os fatores do IDPS</b> .....	98
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	101
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	107
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
	<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	121

## 1 INTRODUÇÃO

O termo Personalidade encontra inúmeros usos na linguagem e no imaginário coletivo. Seja porque o vencedor do *reality show* tem uma “personalidade muito forte”, ou o jogador de futebol “não teve personalidade” para cobrar o pênalti decisivo. A personalidade, seja qual for a compreensão do apresentador ou do narrador, está sempre presente no imaginário popular quando nos referimos a formação de um indivíduo. No entanto, pode-se evidenciar que tanto as concepções científicas como em seu uso popular, o termo é usado para indicar uma estrutura que organiza os comportamentos humanos. O estudo da personalidade ganha especial importância quando busca-se identificar os comportamentos correlatos ou definidores desta, ou seja, ações ocorridas ao longo do desenvolvimento do sujeito que, além de conterem características da sua personalidade são responsáveis pela cristalização da mesma.

Etimologicamente, personalidade provem da palavra grega *persona*, que significa tanto a máscara quanto a pessoa que a usa; esta definição, por sua vez, deriva da pintura etrusca do homem mascarado chamado *Phersu* (POULSEN, 1922; MAUSS; HALLS, 1985). No campo científico, a personalidade é entendida como uma conjunção de características que compõe o ajustamento único do indivíduo, tem padrões prevalentes e, de forma geral, ajuda a determinar o comportamento (American Psychological Association APA, 2010). Com uma observação mais focal dos elementos que a configuram, a teoria dos traços de personalidade entende que estes são padrões persistentes na forma de perceber e se relacionar com o ambiente e consigo mesmo.

A teoria dos traços define as principais características que compõem a de personalidade por meio de de uma inter-relação única, ou seja, características internas que antecedem e determinam o comportamento (American Psychological Association APA, 2010). Os traços comuns, embora complexos e amplos, podem ser medidos e, portanto, representam uma importante fonte de informação para auxiliar o psicólogo na elaboração de fatores preditivos ao comportamento observado. Traço de Personalidade pode ser definido como aspectos da personalidade que agrupam um leque comportamental específico e, embora a sua dinâmica e desdobramentos possam gerar ações idiossincráticas, os traços podem ser medidos e identificados como padrões reconhecidos em mais de uma pessoa. Com os preceitos de mensuração de traços, o modelo dos Cinco Fatores de Personalidade (CGF) teve uma versão inicial elaborada no início do século XX por McDougall e visa identificar padrões de personalidade através de construtos definidos, à saber: Extroversão, Socialização, Neuroticismo, Abertura e Realização (NUNES; HUTZ;

NUNES, 2008).

Embora o modelo dos CGF busque uma caracterização geral da personalidade, o foco do presente projeto não está no desenvolvimento sadio desta, e sim nas propriedades dos transtornos decorrentes de situações de inadequação indivíduo-meio. De forma geral, transtornos de personalidade podem ser definidos como “estilos da personalidade que exibem reações consistentemente inapropriadas, mal-adaptativas ou deficientes frente o sistema social no qual o indivíduo está inserido” (CARVALHO, 2008, p. vii). Já o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) é definido, no Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) 5 como “um padrão global de desrespeito” afetando a relação do paciente com outros indivíduos ou, mesmo, a regras de conduta socialmente construída. Faz-se a ressalva que tal diagnóstico, de acordo com mesmo manual, só pode ser definido na fase adulta, embora reconhece-se que a origem da doença se manifesta na infância ou no começo da adolescência (ASSOCIATION, 2013).

A definição supracitada estabelece os preceitos para a compreensão do modelo categorial. Contudo os transtornos de personalidade podem ser melhor entendido a partir de uma compreensão dimensional da estrutura da personalidade, sendo, dessa forma, uma variação possível, ainda que desadaptada, do desenvolvimento da mesma (WIDIGER; COSTA, 2013). O modelo categorial, mesmo sujeito a críticas, ajudou a compor a estrutura de compreensão dos transtornos ao longo do desenvolvimento do DSM e é somente com o advento do DSM 5 que passa a estabelecer um modelo categorial-dimensional.

De fato, devido a uma difusão imprecisa de critérios para a formulação diagnóstica de distúrbios mentais, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) envolveram-se no desenvolvimento de critérios mais consensuais para diagnosticar esses distúrbios, inclusive os Transtornos de Personalidade. Sendo assim, a APA desenvolveu o Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM) e a OMS criou o sistema de Classificação Internacional de Doenças (CID), catalogando, assim, diversas doenças mentais, as quais foram identificadas, sistematizadas e clinicamente descritas (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

Alvarenga, Flores-Mendoza e Gontijo (2009) afirmam que, apesar da grande utilidade dos manuais psiquiátricos para os profissionais do campo da saúde por conterem descrições bastante gerais, excluem diversas informações importantes como, por exemplo, a origem do transtorno e o seu desenvolvimento. No caso dos transtornos de personalidade, o DSM preocupou-se especialmente com as descrições sintomáticas dessa personalidade.

Mas, apesar de possíveis limitações, atualmente são os critérios do

DSM que guiam as investigações dos transtornos de personalidade. A partir das suas cinco edições publicadas desde 1952 (ª edição), o manual passou por um processo de sucessivas mudanças. Durante todo esse período, foram, principalmente, os grupos/eixos patológicos para diagnóstico dos transtornos de personalidade que se modificaram ao longo da história do DSM (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

No DSM-IV-TR (revisão do DSM-IV), os transtornos de personalidade encontram-se no eixo II, e estão divididos em três classes: A (estranho-excêntrico), B (dramático-emotivo) e C (ansioso-medroso). O transtorno de personalidade antissocial (TPA) está situado no grupo A e será objeto desta pesquisa. Na versão atual do manual (disponível apenas em inglês), a APA reconhece os prejuízos da divisão em grupos, porém mantém a distinção pela facilidade comunicativa, principalmente em pesquisa ou no âmbito educacional. No DSM 5 a personalidade antissocial aparece no grupo B, junto com os transtornos de personalidade *borderline*, histriônica e narcisista (ASSOCIATION, 2013).

Haja vista o presente exposto, este projeto pretende buscar evidências de validade pela estrutura interna e evidências de validade construto relacionado além de identificar as principais facetas que compõem o transtorno de personalidade antissocial, de acordo com o modelo categórico-dimensional utilizado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ou DSM 5, à luz da teoria dos Cinco Fatores de Personalidade através da construção de um instrumento de medida.

Justifica-se esta pesquisa pelo fato dos transtornos de personalidade estarem no primeiro plano no debate quando analisamos as modificações do DSM 5 e seu intenso debate e rearranjos teóricos que antecederam a publicação final (American Psychiatric Association APA, 2011). Se a produção da área da Psicologia sobre o tema não é escassa, esta tem sido restrita a espaços de análises relacionados com a criminalidade (CARVALHO, 2008), principalmente se analisarmos o transtorno de personalidade antissocial. Dessa forma, é possível destacar ainda a necessidade dos saberes científico-técnicos aprofundarem suas pesquisas sobre o tema, frente a uma crescente demanda da sociedade para identificação e caracterização desses transtornos (DEL-BEN, 2005).

Pretende-se, assim, buscar uma melhor definição do TPA, em se tratando das alterações nas facetas que foram utilizada na construção do instrumento de medida, buscando realizar a comparação entre a Teoria dos cinco grandes fatores, adotadas na pesquisa, e o modelo adotado no DSM 5. Destaca-se ainda que é através de múltiplos instrumentos de medida que se torna possível a mensuração fidedigna de um construto e estes tem especial importância para a condução de pesquisas longitudinais (WIDIGER; COSTA,

2013).

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo do presente projeto é construir e buscar evidências de validade pela estrutura interna e evidências de validade de construto relacionado a um instrumento de medida capaz de identificar as principais facetas que compõem o transtorno de personalidade antissocial.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Revisão do estado da arte sobre o transtorno de personalidade antissocial de acordo com o DSM-V e a Teoria dos Cinco Grandes Fatores;
- Construir um instrumento de medida para a avaliação da TPA
- Verificar a evidência de validade do instrumento construído através da análise de sua consistência interna.
- Verificar evidências de validade convergente por meio da relação com o Inventário Dimensional de Transtorno de Personalidade.
- Elaborar, no plano teórico, critérios metodológicos para a identificação do transtorno de personalidade antissocial, utilizando e complementando o instrumento de medida produzido neste projeto.
- Descrever as diversas alterações nos traços de personalidade do fenômeno de acordo com a Teoria dos Cinco Grandes Fatores.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.0.3 Teoria dos Traços de Personalidade

A teoria dos traços de personalidade, ou apenas teoria dos traços, encontra-se dentro do conjunto de modelos disposicionais do estudo da personalidade. As teorias disposicionais introduzem a ideia de que descrições de pessoas seguem linhas de atributos, e que estes tendem a ser estáveis e relativamente duradouras. Pertence a esse grupo, além da teoria dos traços, a teoria dos tipos psicológicos (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004b).

Comumente, a teoria dos traços de personalidade reconhece um conhecimento antropológico oriundo do senso comum, perceptível na observação mundana quando, por exemplo, lemos em revistas e jornais que o sujeito é excessivamente ríspido, porém muito esperto e trabalhador. A característica da linguagem humana em atribuir de aspectos gerais visando adjetivar um indivíduo é uma das primeiras exposições perceptíveis em que a ciência baseou a construção dos conceitos de traços comuns a todos ou, agora conhecida, personalidade.

A hipótese léxica, outro termo importantíssimo para a compreensão das teorias modernas de personalidade, é um conceito da linguística que supõe ser possível identificar qualquer diferença individual através da análise da codificação léxica da língua natural. De acordo com essa hipótese um traço relevante para determinada cultura encontraria um termo, uma adjetivação, uma conceituação (American Psychological Association APA, 2010). Dito de outra forma, se uma característica de personalidade for saliente, os membros daquela cultura vão notá-la e querer falar sobre ela. Logo, uma palavra ou expressão será criada para descrever esse traço (HUTZ et al., 1998). A hipótese léxica, como será demonstrada, inspirou as pesquisas iniciais de Cattell, que usava os termos oriundos de dicionários para identificar composições de traços.

Como já afirmava Allport (1966), embora o conhecimento da personalidade seja oriundo do senso comum, como muitos construtos da psicologia, e esteja “fundamentalmente correto”, é preciso de um olhar acurado e um “exame criterioso e refinado” (p. 414) para que a produção de conhecimento científico proveniente não seja permeada de falsas premissas ou pensamentos conflitivos. Allport reconhece, nesse sentido, a necessidade de traços de personalidade serem investigados apenas através de estudos psicológicos específicos, de preferência, segundo o autor, com o uso de métodos idiográficos tais como o estudo documental de diários, prontuários, cartas ou produção

textual.

A preocupação de Allport ainda se mostra pertinente pois o conceito de personalidade está envolto por muitas contradições e pressupostos teóricos não aplicáveis ao conhecimento científico. Portanto é imprescindível que nossos estudos visem uma construção objetiva da realidade dos fenômenos psicológicos, para tal, deve estar baseado em fundamentações e técnicas fidedignas, objetivando, sempre, o alcance de respostas contributivas às demandas da sociedade. Afinal, segundo Allport, a psicologia ocupa, gradativamente, maior destaque nos fatores que influenciam o pensamento ocidental moderno (ALLPORT, 1970). Suas contribuições para a psicologia da personalidade são pressupostos necessários para a compreensão das definições dos Cinco Grandes Fatores, nos termos atuais.

#### 2.0.4 Gordon W. Allport e a Teoria dos Traços de Personalidade

Allport (1966), na sua obra, reconhece a necessidade de trazer uma definição “essencialista” da personalidade. Afirmar, portanto, ser a personalidade uma característica “existente na pessoa” com tendência duradoura e dotada de uma estrutura interna própria, embora aspectos do desenvolvimento dessa estrutura possam variar de acordo com o indivíduo. Nesse sentido, o autor propôs que personalidade “é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característico” (pg. 50).

Os termos utilizados por Allport foram analisados e debatidos pelo próprio autor na obra. Eles trazem consigo a essência do pensamento científico vigente, bem como os pressupostos teóricos que ainda são usados na definição de traço de personalidade atualmente (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a). Os principais termos detalhados por Allport serão analisados na sequência.

Para Allport (1966), a questão central da psicologia é a formação de hierarquias de pensamentos e comportamentos que conduzem à resposta individual. A essa formação de padrões de ação, o autor chama de *organização mental* (ou dinâmica). Esse conceito se mostra indispensável para pensarmos personalidade por levar em conta uma característica estrutural organizacional e passível, portanto, de uma desorganização, a qual o autor sugere ser a origem de comportamentos desajustados e transtornos de personalidade. Essa compreensão multidimensional da personalidade é o aspecto essencial para a concepção de traço de personalidade adotada por Allport (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a).

Já o termo *sistemas* carrega consigo a ideia de interação entre os ele-

mentos psicofísicos. Essa participação estaria latente no organismo, mesmo quando não objetivamente acionada. Hábitos, sentimentos e traços seriam, no âmbito, sistemas, e compreenderiam a propulsão para ação do indivíduo. Para entender melhor o conceito de sistemas em Allport, é preciso destacar que este compreendia os *elementos psicofísicos* como uma relação inseparável de mente e corpo, não podendo ser considerado apenas os aspectos psicológicos em detrimento de aspectos estruturais do cérebro e nem, por óbvio, o contrário.

O uso do vocábulo *determinam* está presente no texto para salientar que a conjuntura de sistemas presentes na personalidade é a base para qualquer manifestação gerada pelo indivíduo. Todos esses sistemas devem ser compreendidos como “tendências determinantes” e exercem influência direta e significativa nas tentativas de adaptação do indivíduo com a realidade que o cerca. A personalidade como sistema, pode ser compreendida como a organização da percepção dos eventos volitivos, emotivos e cognitivos que recorrem com relativa frequência e tendem a ser duradouro.

No final da definição, Allport recorre aos construtos *comportamentos* e *pensamentos* para designar todas as ações que o organismo realiza. Muito embora, na essência, o organismo sempre busca um ajustamento ao meio, a personalidade não pode ser sintetizada por essa afirmação, pois frequentemente existe uma reflexão crítica acerca desse ajustamento e/ou modificações de aspectos ambientais, essa reflexão impede o comportamento, exclusivamente, autômato do sujeito, possibilitando a ele ajustar não apenas a conduta como também modificar o meio quando necessário. Esse conjunto de ações seria idiossincrático e ajudaria o indivíduo na luta pela sobrevivência. Essa ideia está presente no termo característicos, segundo o próprio Allport, “redundante, porém não necessariamente errado”, entendido como as regularidades de ações, comportamentos, pensamentos e emoções verificáveis no organismo.

## **2.0.5 Conceitos Relacionados com a Personalidade, segundo Gordon W. Allport**

### **2.0.5.1 Caráter**

Um ponto salutar das teorias de personalidade é a definição constitutiva de conceitos, por isso, o termo caráter merece destaque por ser empregado, frequentemente, como sinônimo de personalidade. De fato, essa tendência pode ser encontrada mesmo em produções atuais, como em American Psychological Association APA (2010), que define o vocábulo como o

somatório dos “atributos e traços de personalidade” (p. 156), em especial as atitudes morais, sociais e religiosas. Porém, esse emprego, que já era empregado na época, foi contestado por Allport (1966). Este autor sugere que caráter não seria nem mesmo um componente da personalidade, mas sim uma *personalidade valorizada* (e esta, um caráter não-valorizado), uma atribuição moral de traços da personalidade. Nunes (2005) evidencia que essa distinção é de especial importância para o autor, pois o a adjetivação da personalidade, como pessoa com “personalidade boa” até pode fazer sentido no senso comum - afinal faz parte do objetivo da estruturação da linguagem a necessidade de transmitir informações relevantes. Nesse exemplo, a pessoa referida como de boa personalidade na verdade demonstra peculiaridades desejáveis naquele contexto social - porém é necessário que na compreensão científica a atribuição de juízo de valor seja compreendida como um fenômeno com alta variação, de significado inclusive, dependente da cultura onde se está inserido, sendo, portanto, seu uso, no contexto científico, não condizente. Na ciência, a moralidade comporia uma parte da estrutura interna, junto com outras características que também contribuem para a motivação de suas ações e sentimentos (NUNES, 2005).

A origem etimológica das duas palavras contribui para a compreensão da discussão. As raízes do termo personalidade já foram apontadas no texto, e seu significado está relacionado a máscara, enquanto “caráter” tem origem grega (Kharassein = gravar; Kharaktèr = cunho gravado em objetos, com o objetivo de identificá-los)(NUTTIN, 1969), e seria, portanto, a marca social deixada pelo indivíduo naquilo que melhor o identificaria e singularizaria dos demais. Muito embora o conceito original de caráter se aproxime melhor do que se pretende nos estudos de personalidade, ao longo dos anos, ele foi ganhando atribuições de qualificação moral, principalmente no uso pelo senso comum, o que dificulta a separação da estrutura real e o funcionamento da personalidade pelos psicólogos (ALLPORT, 1966).

Allport (1966) reconhece a importância das ideias e consciência moral nos estudos em personalidade, bem como a capacidade de resistir a impulsos através desse princípio regulador, mas considera que todas essas características já estão abarcadas no conceito proposto para personalidade e sugere a existência de uma divisão teórica entre as escolas americanas e europeias no emprego dos termos. De fato, Nuttin (1969) aponta que o emprego do vocábulo caráter é usado, correntemente, na Europa para designar os traços afetivos-dinâmicos da personalidade, em distinção dos processos cognitivos e processos de reação motora que, segundo o autor, também seriam fatores de composição da personalidade. Já em estudos na América do Norte, o termo caráter foi praticamente eliminado do vocabulário psicológico. Nuttin concorda com Allport de que o motivo para essa exclusão deriva de uma

atribuição de avaliação moral ou social do comportamento.

Allport (1966) salvaguarda, porém, a derivação *característica*, empregada, inclusive, na sua definição de personalidade. Para este autor, ela escapou das referências ao julgamento moral e conserva as propriedades primitivas do termo caráter, servindo para designar qualquer marca nítida da singularidade do homem. Tal definição encontra eco nas produções atuais mantendo as atribuições morais alheias, como em American Psychological Association APA (2010), que identifica como “atributo de um objeto ou evento que desempenha um papel importante na distinção dele de outros objetos e eventos” (pg 155).

### 2.0.5.2 Temperamento

Temperamento é um dos componentes básicos da personalidade e pode ser identificado como o fator biológico que contribui para a prevalência de uma característica de natureza emocional, cognitiva e volitiva (American Psychological Association APA, 2010). Allport (1966) sugere o termo organização constitucional, por considerar o temperamento, junto aos fatores de inteligência e aspectos físicos, a matéria básica onde se forma a personalidade e que esses três componentes seriam aqueles mais influenciados pela hereditariedade. É importante salientar que Allport não considera apenas o temperamento uma base formadora da personalidade mas também o componente fisiológico da mesma. Para o autor, temperamento seria o “clima químico” inerente ao organismo e “quanto mais ligada uma disposição estiver ao solo constitucional inato, mais probabilidade terá de ser denominada temperamento” (p. 56).

As teorias sobre o temperamento são as mais antigas produções de conhecimento psicológico que se tem notícia. Elas têm sua origem no século IV a.C., com a formulação proposta por Hipócrates de que a natureza e a composição elementar dela, deve refletir, ou estar representada, na constituição do homem (ALLPORT, 1966), com a identificação dos chamados “humores”. Galeano, no século II d.C., elabora o preceito de que secreções não apenas estariam na origem da personalidade como também no cerne do seu desajuste, nesse pensamento, colérico seria aquele que tem mais bile amarela, e melancólico, o que tem mais bile negra, uma pessoa com sob forte evento estressor, por exemplo, produziria mais bile amarela, o que acarretaria no desenvolvimento de reações agudas e desajustadas, como conflitos constantes com a ordem vigente (TPA). As pesquisas sobre o temperamento influenciaram William H. Sheldon, já no século XX, a elaborar a somatotipologia, em que definia três tipos de temperamento, à saber: viscerotonia, relacionado

com a calma interna; somatotonia, vinculado a energia; e cerebrotonia, ligado a restrição (MARTIN; SPERLING, 1999).

Nunes (2005) aponta que as pesquisas atuais no ramo da neuropsicologia sugerem que as relações entre os componentes químicos, e suas derivações físicas-neurológicas, com os aspectos comportamentais são muito mais complexas do que acreditava Allport. De fato, evidências de pesquisas atuais indicam um alto grau de associação entre as estruturas de rede neuronais e os traço de personalidade moderna (ADELSTEIN et al., 2011). Muito embora as pesquisas em psicologia constitucional, dedicada, principalmente, aos estudos de temperamento, venham sendo gradativamente abandonadas, os indicativos de proximidade entre constituição físico-química cerebral e comportamentos característicos sugerem uma possível evolução teórica dos mesmos preceitos, tais como o determinismo biológico.

Como definição, Allport (1966) acrescenta que temperamento é um componente relacionado aos fenômenos singulares da natureza emocional dos indivíduos. São incluídas a “susceptibilidade à estimulação, a intensidade e velocidade de resposta, a qualidade de sua disposição predominante, e todas as peculiaridades de flutuação e intensidade de disposição” (p. 57). Tais fenômenos são vistos como dependentes da organização constitucional e, portanto, originados nos fatores hereditários.

Porém, o próprio Allport, na mesma obra, reconhece a natureza mais ampla do construto, pois este estaria sujeito a influências cirúrgicas - danos neurológicos de uma forma geral; médicas - desequilíbrios químicos ocasionados por fármacos; ou nutricionais - atualmente pode-se adicionar as alterações genéticas laboratoriais -, bem como as mudanças promovidas pelas experiências de vida e pela aprendizagem. Na verdade, o próprio autor sugere que o temperamento pode mudar, inclusive, no decurso do desenvolvimento da personalidade, mas reafirma que, embora possível, tais alterações não são ilimitadas.

### 2.0.5.3 Traços

Allport caracterizava traço como “uma estrutura neuropsíquica que tem a capacidade de fazer com que muitos estímulos se tornem funcionalmente equivalentes, e de iniciar e orientar formas equivalentes (com sentido coerente) de comportamento adaptativo e expressivo” (ALLPORT, 1937, p. 295) como definiu mais tarde, um amplo sistema de generalizações de comportamento, ou tendências para a ação semelhante, que existe em um indivíduo estudado permeado de rigor científico. Essas tendências para a ação semelhante são características identificáveis em que o observador coloca-se

na posição do agente e pode classificá-las em conjunto, sendo necessário, porém, que tal classificação seja imbuída de sentido (ALLPORT, 1966)

Apesar da herança filogenética comum e o fato de diferentes indivíduos estarem imersos na mesma cultura e dela constituírem características culturais semelhantes, devido as interações e os desdobramentos desses dois fatores supõe-se que esses mesmos organismos tenham em comum várias estruturas de organização. A essas estruturas dá-se o nome de traços (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a). A essas contribuições culturais semelhantes Allport denominou *traços comuns*. Traços comuns, tem também uma propriedade mais ampla, podendo ser compreendidos como uma estrutura neuropsíquica capaz de se apropriar e orientar estímulos de natureza semelhante, sendo que essa estrutura teria uma certa homogeneidade entre grandes grupos de pessoas.

Para a pesquisa em psicologia, o conceito de traço é de fundamental importância por permitir a operacionalização da avaliação psicológica da personalidade. Conforme os psicometristas se aproximam do construto através de questionários de auto-relato, passa-se a formular itens que apresentem aspectos de traços comuns e buscam identificar, e na análise comparar, composições da personalidade que a maioria das pessoas de uma determinada cultura possuem (NUNES, 2005).

Essas composições da personalidade, sugeridas por Allport (1966), estariam intimamente ligadas ao método usado para acessar as informações pretendidas e, assim, evitar construções teóricas errôneas. Para o autor, a personalidade é parte de uma hierarquia de fatores, que variam dos mais genéricos aos mais específicos, de determinação do comportamento, à saber: personalidade, eu, traço, atitude, hábito e reflexo condicionado (NUNES, 2005). Nessa composição, os fatores mais genéricos dominariam os mais específicos e traços comuns ocupariam uma posição privilegiada na escolha da ação do indivíduo.

Muito embora Allport considerasse a existência de traços comum a todos, grande parte de seus estudos, e sua motivação pessoal, apontaram para as bases peculiares da personalidade, ao qual chamou de disposição pessoal, e que significaria uma estrutura neuropsíquica generalizada manifestada de forma singular no homem. Para ele, essas disposições pessoais seriam divididas em disposições cardinais, que exercem influência irresistível na ação do indivíduo sobre o meio, e disposições centrais, qualidades identificadas no ser pelos seus pares (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a).

No campo metodológico, Allport valorizava as abordagens idiossincráticas de investigação da personalidade. Para o autor, um humanista na essência, era degradante os estudos de condicionamento de animais levados a cabo por B.F.Skinner (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a). Ele temia que os seres

humanos tivessem o comportamento explicado e, na sua ótica, simplificado pelo comportamento animal. Embora não de todo avesso a busca nomotética de traços comuns, ele as considerava fundamentalmente inconclusivas, e sua abordagem metodológica o colocou de encontro com outro grande pesquisador da teoria dos traços de personalidade: Raymond Bernard Cattell.

## 2.0.6 A Teoria Fatorial dos Traços de Raymond Bernard Cattell

### 2.0.6.1 Traços de Personalidade

Cattell (1950) definia traço de personalidade como uma estrutura mental que pode ser determinada a partir do comportamento observado. Este comportamento, por sua vez, deve apresentar uma certa regularidade temporal assim como uma consistência mais duradoura, não sendo tendo fácil extinção. O autor propôs uma distinção dos traços em cinco tipos:

*Traços de origem:* Relacionado com a estrutura da personalidade, como fatores fisiológicos, de temperamento e culturais. Representam uma posição hierárquica superior aos traços de superfície sendo um traço de origem determinante para muitos traços de superfície. Os traços de origem são de especial importância nas pesquisas de Cattell por este reconhecer neles a fundamentação do desenvolvimento e as dificuldades adaptativas da personalidade (NUNES, 2005).

*Traço de superfície:* Variável de menor estabilidade na teoria de Cattell. Os traços de superfície decorrem da interação entre o ambiente e os traços de origem, e é altamente influenciado por fatores externos. Cattell (1950) indica que para o senso comum esses traços são melhor identificados, por corresponderem a tipos gerais de vocábulos.

*Traço de capacidade:* Vinculado a habilidade situacional do indivíduo. Ele é identificado nos comportamentos adaptativos apresentados. A mensuração desses traços possibilita determinar que tipo de habilidade será bem sucedida para que o sujeito atinja os seus objetivos em determinada situação.

*Traços dinâmicos:* Seriam os aspectos motivacionais da ação. Neles seriam abarcados os interesses e vontades do indivíduo. Podem ser de três tipos: atitudes, definida como a unidade motivacional básica do interesse; ergs, associado ao conceito de pulsão de Freud, ou seja, impulsos inatos ou motivos, como sexo, fome entre outros; e sentimentos, são traços dinâmicos aprendidos ou adquiridos que satisfazem mais de um erg ao mesmo tempo (NUNES, 2005).

*Traços de temperamento:* Respostas de aspectos constitucionais do comportamento como ritmo, a forma, a energia, etc. Normalmente, estão vin-

culados com o modo como se organizará o comportamento (ROECKELEIN, 1998).

Não é difícil identificar uma prevalência de estudos de traços de origem nas produções de Cattell que, assim como Allport, reconheceu a existência de traços comuns. Contudo, esses autores diferem nos métodos de medi-los e identificá-los. Seja por influência dos trabalhos de pesquisadores como Thurstone e Spearman, ou em decorrência de seu trabalho com o próprio Allport, fato é que Cattell tem uma grande contribuição para a psicologia da personalidade pelas suas produções com o uso da técnica da análise fatorial na investigação da estrutura deste construto.

### 2.0.6.2 O método de pesquisa de Cattell

A análise fatorial é uma técnica estatística que visa apresentar múltiplas variáveis por meio da criação de novas, que seriam derivadas das originais. O objetivo principal é explicar o esquema original proposto, através de um menor número de variáveis que comporiam mais de uma dimensão original (PASQUALI, 2003). O método foi muito empregado pela escola de Spearman na busca pelos fatores gerais únicos da inteligência e, posteriormente, por Thurstone, na descrição da estrutura das habilidades.

Cattell iniciou seus estudos com a coleta e identificação de aproximadamente 18.000 vocábulos na língua inglesa que visavam a adjetivação de indivíduos. A partir daí, passou a categorizá-las para excluir expressões em desuso ou com significado sintáxico semelhante, o que reduziu o número final para aproximadamente 200. De posse dessa construção, coletou auto-descrições feitas pelo seu grupo de pesquisa utilizando os termos propostos. Através da análise fatorial, os termos foram correlacionados entre si para verificar se os descritores de traço eram usadas de maneiras semelhantes. Foram identificados dezesseis traços básicos, os quais, segundo Cattell, poderiam classificar grupos variados de comportamentos, denominando-os como *traços originais* (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004b). Mais tarde, na classificação das formas de avaliação de personalidade, ele chamou os dados obtidos dessa forma como Dados Q (Q-data).

Os dados Q seriam, portanto, informações coletadas em instrumentos de auto-relato e questionários. Este dado, oriundo da introspecção e auto-conhecimento do indivíduo está sujeito a distorção, mentiras ou uma má avaliação das próprias capacidades (NUNES, 2005). Cattell (1950) ainda considerava possível acessar informações de outras formas, como os dados T (T-data), dados estes coletados em situações controladas de testes por meio de critérios observacionais objetivos; e os dados L (L-data), dos fatos observados

em pesquisas documentais.

Destaca-se, nos múltiplos critérios sugeridos por Cattell, a importância da coleta de dados de mais de um tipo para buscar a validação de instrumentos, na própria teoria de traços é possível verificar a necessidade desse tipo de dado, pois através da análise fatorial é possível obter um conjunto de informações, geralmente obtidas nos demais critérios, porém essa mesma análise é capaz de fornecer fatores muito diferentes e novas configurações para o modelo teórico (NUNES, 2005). Com base nessa premissa, Cattell buscou evidências de validade para seus *traços originais* e construiu o Questionário de 16 Fatores de Personalidade (16PF).

Cattell aplicou seus questionários em uma grande variedade de extratos da população americana e identificou a necessidade de testar esquemas de traços em determinados ambientes específicos - nas organizações empresariais, centros de estudo, organizações militares - e utilizar o conhecimento produzido para compreendê-los e modificá-los. O processo de teorizar sobre o trabalho aplicado e depois retornar para a abordagem teórica e verificar, e retificar, a avaliação produzida tornou-se modelo para as abordagens modernas da personalidade (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a). Curiosamente, utilizando métodos semelhantes aos de Cattell, psicólogos, como Tupes e Christal, chegaram um modelo que gradualmente foi suplantando o modelo original proposto por Cattell, composto por cinco fatores de grande abrangência e teorizaram que estes seriam suficientes para uma solução fatorial adequada. Chamaram esses fatores de *Big Five* (os cinco grandes) (NUNES, 2005).

## 2.0.7 Cinco Grandes Fatores da Personalidade

O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade tem sua origem nos primórdios dos estudos de traços e estudos fatoriais da personalidade com McDougall (1871-1938), o primeiro a apresentar uma explicação da personalidade através de cinco fatores principais. Na mesma década da morte de McDougall, Thurstone inicia uma investigação empírica do modelo e constata sua viabilidade. Mas, apesar da descoberta, ele não seguiu pesquisando na área da personalidade. Tendo suas produções voltadas para o campo da inteligência, foi necessário mais meio século para que toda a conjuntura da teoria começasse a ter produções constantes e fosse considerada vantajosa na explicação da personalidade.

Na década de 1950, Fiske inicia um projeto junto a *Michigan Veterans Administration* para avaliar as técnicas utilizadas para a seleção do programa de doutorado. Foram aplicadas vinte e duas escalas, previamente elaboradas por Cattell, consultor do projeto. Os candidatos foram avaliados pelos

seus pares, por avaliadores profissionais, e por eles mesmos, utilizando instrumentos de auto-relato. Os resultados apontaram que um modelo de cinco fatores era mais adequado para explicar o sistema. Contudo, o estudo não causou muito impacto, pois a teorias fatoriais vigentes, de Cattell, indicava uma amplitude de fatores maior (KELLY; FISKE, 1951).

Porém, é no estudo de Tupes e Christal (1992)<sup>1</sup> que os autores atuais atribuem como a “descoberta” do Modelo dos Cinco Grandes Fatores (WIDIGER; COSTA, 2013). Esses pesquisadores utilizaram trinta escalas de Cattell em um estudo para as Forças Aéreas Norte Americanas. Os resultados consonaram com o estudo de Fiske e indicaram que um modelo de cinco fatores seria adequado para explicar os dados. Tupes e Christal (1992) denominaram estes cinco fatores como *Surgency*, *Agreeableness*, *Conscientiousness*, *Emotional Stability* e *Culture*.

Apesar das evidências de validade do modelo serem conhecidas desde de a década de 1960, muitos anos tiveram que se passar para que as produções destas ganhassem destaque e credibilidade. Uma das prováveis causas foi o grande desenvolvimento de estudos no campo behaviorista nos anos subsequentes que desincentivava a realização de pesquisas sobre temas classicamente antagônicos a essa teoria, como personalidade ou a avaliação psicológica da personalidade. Outro provável fator foi o distanciamento entre a psicologia social e os estudos da personalidade. Enquanto aqueles davam maior importância aos fatores situacionais, estes tinham como tema principal estudos de traços segundo os pressupostos de Cattell. Mas a principal causa atribuída a esse distanciamento temporal foi a necessidade de desenvolvimento das técnicas fatoriais e da computação, principalmente a facilidade do acesso a esses equipamentos, que ajudaram a desenvolver métodos sofisticados de localização e extração de fatores e, conseqüentemente, a explicação dos traços de personalidade (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

Essa construção histórica turbulenta produziu algumas confusões quanto ao uso do termo *Big Five* e a conseqüente produção empírica que teoriza o modelo dos cinco grandes fatores (CGF). Widiger e Costa (2013) observam que há um uso indistinto, por parte dos psicólogos, de pesquisas utilizando o CGF e pesquisas utilizando a hipótese léxica. Segundo o autor, o CGF não tem suas definições baseadas na terminologia leiga, diferenciando eles das pesquisas iniciais que utilizavam os vocábulos do dicionário para encontrar termos que designariam traços de personalidade.

Atualmente, o modelo teórico produzido a partir do *Big Five* ganhou estudos em diferentes culturas. McCrae e Costa (1997) traduziram e adaptaram um instrumento de avaliação da personalidade construído a partir do modelo do CGF para seis diferentes línguas, inclusive a portuguesa, e cons-

---

<sup>1</sup>Estudo originalmente publicado em 1961

taram a replicabilidade do teste e da teoria. No Brasil, estudos tem demonstrado a mesma propriedade (COSTA; MCCRAE, 2007; HUTZ et al., 1998; NUNES; HUTZ, 2006, 2007).

## 2.0.8 O Modelo dos Cinco Grandes Fatores

O modelo dos cinco grandes fatores é uma organização hierárquica dos traços de personalidade em cinco, por óbvio, dimensões básicas (MCCRAE; JOHN, 1992). Por ser um modelo oriundo de pesquisas empíricas, visto que os primeiros autores encontraram os traços a partir das técnicas de análise fatorial desenvolvidas por Cattell, o CGF não tem uma explicação teórica *a priori* dos motivos que levariam a divisão dos traços de personalidade em cinco fatores. McCrae e John (1992) apontaram que situações similares existem em diversas ciências. Biólogos são capazes de identificar as oito classes de vertebrados e a teoria da evolução pode ser usada para explicar a origem de todas as espécies e seu desenvolvimento, mas não é capaz de explicar porque da existência de oito classes, e não dez ou sete. Os autores ressaltam, no entanto, que provavelmente existe sim uma razão para a existência desses cinco fatores, mas consideram infrutíferos os questionamentos do porquê de apenas esses.

Na mesma obra, McCrae e John (1992) vão mais longe e afirmam que se a hipótese da descoberta de fatores fundamentais da personalidade for verdadeira, isso marcaria um fim de uma era de impasses na produção de conhecimento do campo. Pesquisadores de diferentes regiões poderiam trabalhar em conjunto, mensurando construtos integralmente semelhantes e podendo, a partir daí, iniciar estudos compartilhados de comparação e correlação. Pesquisas confirmam o sucesso da replicabilidade da teoria em diferentes culturas, um claro indicativo de que, se não for a solução, é ao menos uma direção certa para a composição fundamental da personalidade. Apesar das incertezas do passado o modelo dos Cinco Grandes Fatores tem um crescimento exponencial de pesquisas a partir dos anos 1980 sendo referencia para a obra atual do DSM (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004a).

Segue a nomenclatura utilizada no Brasil para os CGF e a correspondente definição:

### 2.0.8.1 Neuroticismo

De todos os fatores do CGF, neuroticismo é o que mais abrange as características emocionais das pessoas (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008). Esse

atributo explica, em parte, a grande quantidade de pesquisas que são realizadas acerca desse construto. Um estudo comparando os fatores de personalidade do CGF constatou que o neuroticismo aparece em 5.222 das 17.262 referências registradas em *abstracts* desde 1887 (De Raad, 2000). Embora, deve-se salientar as definições desde aquele período variaram muito e hoje o que é referido como neuroticismo é bem diferente do que a 50 anos. Um fato interessante, no entanto, é que as pesquisas atuais não se limitam mais ao campo da psicologia, podendo ser encontrado um número considerável de produções em campos que abrangem, por exemplo, a neurociência e a genética comportamental. Comumente tais estudos despertam um grande interesse no contexto clínico (MATTHEWS; DEARY; WHITEMAN, 2003).

A grande quantidade de produções sobre o tema colabora para estabelecer um grau elevado de consonância entre as definições encontradas na literatura. McCrae e John (1992) consideram que Neuroticismo, também chamado de fator N, refere-se a níveis persistentes e contínuos de instabilidade emocional e ajustamento, ou seja, significa as diferenças idiossincráticas experimentadas pelos indivíduos quando em desconforto psicológico, como, por exemplo, quando na angústia ou sob forte estresse. Essas diferenças podem ser manifestas em comportamentos, emoções, ações e pensamentos. Alguns autores optam por uma definição mais constitutiva, argumentando que o fator N corresponde a um grupo de características individuais que propiciam às pessoas a vivenciar de forma mais intensa os sentimentos aflitivos (ZANON et al., 2012; COSTA; MCCRAE, 2007; DENEVE; COOPER, 1998).

Altos valores N indicam sujeitos com propensão a elevados níveis de ansiedade e perda de controle emocional. Estes tipicamente apresentam ideias dissociadas da realidade, dificuldade para tolerar a frustração causada pela não realização de desejos e respostas de coping mal adaptadas (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008). Além disso, é comum o desenvolvimento de transtornos psicossomáticos e comportamentos ruminativos (ZANON et al., 2012). Em contrapartida, valores baixos em neuroticismo estão associados a indivíduos que apresentam, na maior parte do tempo, comportamentos calmos, relaxados e estáveis, o que não necessariamente corresponde a uma condição mental favorável, pois podem apresentar tendência a apatia e letargia a longo prazo. Na verdade níveis extremos de Neuroticismo, tanto muito elevados ou como muito baixos, são indicadores de baixa adequação aos fatores ambientais (MCCRAE; JOHN, 1992).

Como evidências de validade de construto relacionado, pesquisas tem indicado correlações de Neuroticismo com outros construtos ligados a sofrimento psíquico e felicidade. Um estudo brasileiro identificou a existência de correlação entre medidas de Bem Estar Subjetivo (BES) e uma escala brasileira de avaliação de Neuroticismo. Para a realização do projeto, 198 es-

tudantes universitários de ambos os sexos residentes no Rio Grande do Sul (RS) responderam a Escala Fatorial de Neuroticismo (EFN) e a escala para mensuração da BES. Os resultados indicaram correlações moderadas e significativas com satisfação de vida ( $r=-0,49$ ;  $p\leq 0,01$ ) e afeto negativo ( $r=0,44$ ;  $p\leq 0,01$ ) (NUNES; NORONHA, 2009). Segundo os autores, estudos internacionais apresentaram resultados semelhantes (Chico Librán, 2006; DIENER; LUCAS, 1999), o que sugere que os principais componentes da personalidade para explicar afeto negativo são as dimensões do Neuroticismo.

Em outro estudo foram investigadas as correlações entre temperamento, neuroticismo e auto-estima. Participaram da amostra 42 universitários entre 19 e 21 anos, que responderam às Escalas Fatorial de Neuroticismo, *Pavlovian Temperament Survey* e Auto-Estima de *Rosenberg*. Os resultados obtidos na Escala de Auto-Estima de *Rosenberg* e na EFN apresentaram correlações negativas entre auto-estima e vulnerabilidade ( $r=-0,67$ ;  $p\leq 0,05$ ), ansiedade ( $r=-0,40$   $p\leq 0,05$ ) e depressão ( $r=-0,37$   $p\leq 0,05$ ), componentes do fator Neuroticismo. Segundo os autores, pessoas com níveis elevados de neuroticismo tendem a ter uma avaliação depreciativa de si mesmo, pois frequentemente apresentam altos níveis de depressão, de vulnerabilidade e ansiedade (ITO; GOBITTA; GUZZO, 2007).

No âmbito das pesquisas sobre transtornos de personalidade, evidências sugerem uma correlação entre níveis altos de neuroticismo e os transtornos *borderline* e dependente, enquanto níveis baixos nas facetas ansiedade, vulnerabilidade e auto-consciência apresentam correlação com o transtorno de personalidade antissocial (WIDIGER; COSTA, 2013). Como já indicado, o fator neuroticismo apresenta uma gama extensa de facetas (subdimensões). A compreensão desses componentes auxilia no entendimento de todo o construto além de evidenciar, teoricamente, os indicativos de correlação com os critérios de diagnósticos. Entre as principais facetas destacam-se: vulnerabilidade, instabilidade emocional e depressão.

O construto de vulnerabilidade avalia quão intensamente as pessoas vivenciam sofrimentos em decorrência à aceitação dos outros para consigo. Pessoas com altos níveis de vulnerabilidade tendem a ter baixa auto-estima e um medo recorrente de abandono, já os com índices baixos são indivíduos com grande independência emocional em relação às outras pessoas, chegando serem caracterizadas como “frios” e “insensíveis”. Geralmente são individualistas e nem um pouco preocupados com as opiniões alheias, indicando um padrão de relacionamentos sociais distorcido (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

Instabilidade emocional indica pessoas com variações extremas de humor. Pessoas com altos padrões nesta faceta indica uma tendência impulsiva quando são submetidas a tensão psicológica, normalmente tomando de-

cisões precipitadas. Apresentam, ainda, oscilações humorais sem motivação específicas e dificuldade para controlar seus sentimentos negativos, além de baixa tolerância à frustração (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

Por fim a depressão, sugere forma, e o comportamento decorrente, de enfrentamento do indivíduo ao longo da vida. Sujeitos com altos índices depressivos, tendem a ser solitários, apáticos e com baixa expectativa em relação ao futuro. Por outro lado, escores baixos indicam pessoas com dificuldade para avaliar as dificuldades, com excessivo padrão otimista e dificuldades em reconhecer eventos negativos em sua vida (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

### 2.0.8.2 Extroversão

O fator extroversão, no modelo do CGF remete o conteúdo e a frequência de interação entre o indivíduo e aqueles que o cercam, bem como as características do comportamento comunicativo. Pessoas com alto fator geralmente são identificadas como falantes, ativas e assertivas (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008). Eventos de busca por amparo social e desenvolvimento de habilidades efetivas de desempenho social também poderão ter algumas dimensões contempladas nesse fator. (WIDIGER; COSTA, 2013) concluíram que Extroversão refere-se à quantidade e à intensidade das interações interpessoais, necessidade de estimulação e capacidade de encontrar prazer ao longo da vida. Pessoas com padrões altos em Extroversão apresentam comportamento sociável, ativo, otimista e afetuoso, enquanto que sujeitos com valores baixos tendem a ser reservados, sóbrios, independentes e quietos (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

Quando analisado mais detalhadamente, o construto revela um grupo de facetas fundamentais que ajudam a caracterizar o fenômeno. As produções científicas na área identificam algumas e traçam possíveis correlações com transtornos mentais, em especial transtornos de personalidade. Um componente com alta correlação com o transtorno de personalidade antissocial é a altivez, que reconhece indivíduos “com uma percepção grandiosa sobre a sua capacidade e valor” (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008, p. 159). Presenças extremas dessa faceta indicam seres humanos com necessidade de receber atenção de outros, confiantes da posição social que ostentam, e com tendência para falar sobre si.

Outra faceta intrinsecamente ligada a características do transtorno de personalidade antissocial é o dinamismo, definido como a capacidade da pessoa em tomar a iniciativa das ações, facilidade para uma interação ativa em um grupo. Sujeitos com grande dinamismo costumam realizar mais de uma atividade simultaneamente e se envolvem em diversos tipos de trabalhos, mesmo

quando em momentos de lazer (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

Embora não apresenta alta correlação com TPA, a comunicação descreve o quão expansivas e capazes de trocar informações as pessoas são. Pessoas altamente comunicativas usualmente apresentam “facilidade para falar em público, tendem a falar mais sobre si mesmas e relatam ter facilidade para conhecer pessoas novas” (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008, p. 159). Assim, buscam constantemente iniciar diálogos com outros e expressar suas ideias e interesses quando estão em grupo.

Em um estudo conduzido por Natividade et al. (2012) constatou uma a forte capacidade preditiva do fator extroversão para consumo frequente de álcool em jovens brasileiros. A pesquisa buscou informações em 169 estudantes cursando o Ensino Superior com idades entre 18 e 28 anos de quatro universidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Em uma regressão com modelo significativo ( $p \leq 0,01$ ), com capacidade preditiva geral de 65,8%, apontou altivez (E) ( $\beta = 0,50$ ,  $p \leq 0,01$ ) como a faceta mais marcante de extroversão. Para os autores a extroversão é “indispensável no levantamento de diferenças individuais entre consumidores de álcool”(p.1098).

A mesma faceta, Altivez (E) está positivamente correlacionada com os tipos Artístico ( $r=0,45$   $p \leq 0,001$ ) e Empreendedor ( $r=0,49$   $p \leq 0,001$ ) no campo da orientação vocacional. O estudo foi conduzido por universidades brasileiras e canadenses coletou dados de 145 estudantes de uma universidade do sul do Brasil. Cada participante respondeu o *Inventário Tipológico de Interesses Profissionais-ITIP-96* (BALBINOTTI, 2003) e a *Escala Fatorial de Extroversão (EFEx)* (NUNES; HUTZ, 2006, 2007), além de escalas de Neuroticismo e Abertura. Para os autores, pessoas que se percebem como grandiosas, e descritas por outros como pouco modestas manifestariam maior interesse por cargos de chefia em que serão demandadas técnicas de convencimento e liderança (tipo Empreendedor). Esse mesmo tipo de pessoas também manifestaria interesse por atividades que possibilitem manifestar sua criatividade (tipo Artístico), através de atividades artísticas e gráficas ou criando novos processos de trabalho (VALENTINI; TEODORO; BALBINOTTI, 2009).

Costa e McCrae (1980) debatem que na clínica o fator Extroversão fornece dados extremamente úteis para a caracterização de importantes sintomas de transtornos da personalidade. Esses autores identificam alguns motivos pelos quais o Modelo dos Cinco Grandes Fatores deve ser usado nesses contextos, como: Avaliação de estilos emocionais, interpessoais e motivacionais, que podem ser de afetar um paciente e o curso da doença; Fornecer uma compreensão mais abrangente da realidade do paciente, nem sempre alcançados por outros instrumentos clínicos; Identificar motivações suplementares que podem ser úteis na seleção do tratamento e prognóstico dos casos.

Seguindo no contexto clínico, foram desenvolvidas pesquisas que ve-

rificaram a relação entre transtornos da personalidade identificados a partir dos critérios propostos no DSM-IV (American Psychiatric Association, 2000) e avaliações realizadas no modelo dos Cinco Grandes Fatores (WIDIGER; COSTA, 2013). Nesse estudo pessoas com níveis bastante elevados em vários subfatores de Extroversão apresentavam transtornos de personalidade narcisista, enquanto que pessoas com transtorno da personalidade Esquizoide e Esquizotípica apresentavam níveis reduzidos de Extroversão. Para o TPA são esperados escores altos nesse fator, principalmente nas facetas Busca por Sensações, que é a busca constante por estímulos de risco e Assertividade, que está relacionado a dominação e independência.

### 2.0.8.3 Realização

O Fator Realização avalia a percepção de competência pessoal, organização, interesses persistentes, motivação focada a um objetivo e o auto-controle para a realização de um objetivo. Pessoas altas em Realização tendem a ser organizadas, escrupulosas, insistentes, ambiciosas e trabalhadoras. Em contrapartida, pessoas com níveis aquém em realização apresentam comportamentos hedonistas, relapsos, tendo pouco interesse, comprometimento e responsabilidades com suas tarefas.

Como facetas principais contida na BFP (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008), estão comprometimento, competência e prudência. Comprometimento está associado ao esforço para o bom desempenho na realização de uma tarefa. Pessoas com essa particularidade normalmente são detalhistas e com alta exigência pessoal, procurando serem reconhecidas pelo seu esforço e altamente cuidadosas com seu trabalho, buscando prever possíveis problemas. A segunda faceta é a competência. Esta pode ser descrita como o “potencial para realizar várias tarefas ao mesmo tempo” (p.170), assim como buscar o prazer na realização de atividades complexas e desafiantes. No geral identifica indivíduos que possuem objetivos de vida. Por fim, prudência é a forma zelosa de expressar opiniões e ideias, avaliar consequência das ações e controlar a impulsividade na resolução de conflitos.

Mônego, Teodoro e Casal (2011) conduziram um estudo que pretendeu buscar associações entre a satisfação conjugal, os componentes do amor da Teoria Triangular de Sternberg e os traços de personalidade de acordo com o modelo CGF. Para tal, foram aplicadas a Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Casal, a Escala Triangular do Amor de Sternberg e a Bateria Fatorial de Personalidade em uma amostra de 198 universitários de diferentes áreas do conhecimento (psicologia, engenharia, jornalismo, ciências sociais, relações públicas, economia, serviço social e administração) que se

encontravam em uma das categorias de relacionamento: Ficante, Namoro/Noivado ou Casamento. Os resultados mostraram que o fator realização contribuí positivamente com a satisfação do casal. Participantes casados, que eram também mais velhos, possuíam escores mais altos no traço realização.

Na área da saúde, Williams e Moroz (2009) conduziram um estudo sobre a relação entre neuroticismo (N), realização (R) e a qualidade do sono com a população americana. Participaram da pesquisa 77 estudantes de graduação com média de idade de 19 anos. A pesquisa deu-se em dois períodos distintos de avaliações (uma inicial e outra depois de dois meses). Cada aluno respondeu cinco instrumentos: *Physical Symptom Report*, *Functional Status Questionnaire* (FSQ), *Inventory of College Students Recent Life Experiences*, *Pittsburgh Sleep Quality Index* e *NEO-FFI Personality Inventory - Form S2*, além da pesquisa documental do prontuário médico. Os resultados estabeleceram uma correlação negativa entre o fator Realização e qualidade do sono distúrbios do sono ( $r=-0.25$ ,  $p \leq 0.05$ ) e os problemas do dia-a-dia ( $r= -0,41$ ,  $p \leq 0,01$ ). Já o Fator Neuroticismo apresentou uma correlação positiva com distúrbios do sono ( $r=0.25$ ,  $p \leq 0.05$ ) e os problemas do dia a dia ( $r= 0.52$ ,  $p \leq 0.05$ ). Na análise de regressão associando traços de personalidade e qualidade do sono, (R) apresentou números significativos ( $b = -0.31$ ,  $p \leq .05$ ). De forma geral, os autores acreditam que uma qualidade de sono ruim está associado com um altos escore em Neuroticismo, mas, ao mesmo tempo, escores altos em Realização podem auxiliar esses indivíduos a minimizar esses problemas.

No contexto dos transtornos de personalidade, níveis altos em todas as facetas de Realização é a característica mais marcante do transtorno obsessivo-compulsivo. Outra psicopatologia com índices altos em algumas das facetas é o transtorno narcisístico. Quando olhamos para a associação entre o Transtorno de Personalidade Antissocial e o fator Realização, encontramos, geralmente, um escore pequeno em facetas como, auto-disciplina e prudência (WIDIGER; COSTA, 2013).

#### 2.0.8.4 Socialização

Socialização remete, na teoria do CGF, às relações interpessoais estabelecidas pelo indivíduo, seja na qualidade ou na forma. Esse fator é comumente confundido com o Fator (E) devido ao fato de que ambos remetem as relações sociais estabelecidas pelo sujeito, porém enquanto Extroversão mede a quantidade da procura por essa relação, Socialização mede a qualidade com que essa relação estará estabelecida. Pessoas com níveis elevados de socialização mostram-se empáticos, bondosos, afáveis e magnânimos. Já

aquelas pessoas que apresentam níveis baixos, mostram-se irascíveis, cínicas e desconfiadas, podendo chegar a padrões de extremo antagonismo (WIDIGER; COSTA, 2013).

As principais facetas desse construto visam estabelecer um critério qualitativo das relações entre os indivíduos, e com isso medir níveis de confiança que estabelecem entre si ou mesmo as habilidades no estabelecimento de vínculo. Segundo o NEO-PI, as facetas são: Confiança - da disposição de acreditar na honestidade e boas intenções dos outros; Honestidade - medida da franqueza, sinceridade e também da ingenuidade do sujeito; Altruísmo - cuidados com o bem estar alheio; Complacência - Disposição de atender aos desejos de outrem visando agradá-los; Modéstia - capacidade de manter padrões egoístas e egocêntricos separados do contexto social, afim de estabelecer um vínculo; e Empatia - Capacidade de sensibilização pelas necessidades dos outros. Indivíduos com transtorno de personalidade antissocial apresentam um grau reduzido em todas as facetas de socialização.

Uma pesquisa realizada no Brasil investigou alguns traços da personalidade em profissionais de diversas campos de trabalho no contexto organizacional. Para isso aplicaram a Escala Fatorial de Socialização em 68 funcionários de empresas da cidade de São Paulo. A amostra foi composta por diferentes áreas de ocupação dos cargos dentro da organização, em que 23,5% exerciam funções da área administrativa (administração e recursos humanos, entre outros), 58,8% financeira (análise fiscal, contabilidade e consultoria trabalhista, entre outros) e 17,6% operacional (recepção, mecânica, suporte de informática, entre outros). A partir dos resultados do estudo, verificou-se que os cargos administrativos e financeiros obtiveram as médias mais elevadas quando comparados ao cargo operacional. A análise de variância (ANOVA) demonstrou diferença significativa entre os grupos dos cargos a escala EFS [ $F=3,907$ ;  $p=0,05$ ] (RABELO et al., 2009)

Bartholomeu, Nunes e Machado (2008) conduziram um estudo buscando as associações entre socialização e habilidades sociais, utilizando a Escala Fatorial de Socialização e o Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette; Del Prette, 77). Trabalharam com uma amostra com 126 estudantes de educação física de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo. Os resultados indicaram uma correlação entre as dimensões de altruísmo e a expressão de sentimento positivo ( $r=0,34$   $p\leq 0,01$ ), bem como uma correlação positiva fraca entre o fator socialização como um todo e o auto-controle da agressividade ( $r=0,25$   $p\leq 0,01$ ). Para os autores, os dados sugerem que “quanto mais habilidade social os universitários manifestaram, mais tenderam a ser atenciosos, compreensivos e empáticos, agradáveis com os demais, sendo essas as características de personalidade desses indivíduos.” Porém chama a atenção para os baixos níveis de correlação e a falta de estu-

dos que corroborem os resultados.

### 2.0.8.5 Abertura

Abertura para o novo se refere a propensão do indivíduo a comportamentos exploratórios, busca por novas soluções, conhecimento ou experiências. Pessoas altas nesta dimensão são curiosas, artísticas e criativas. Geralmente, apresentam mais experiências, principalmente no conhecimento emocional do que pessoas com índices mais baixos, descritas como dogmáticas, conservadoras e rígidas em suas crenças (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

As suas facetas, apontadas na BFP, são: Interesses por novas ideias; liberalismo - tendência à abertura para novos valores morais e sociais; e busca por novidades - prevalência de escolha para novos cursos de ação e novas experiências. Dentro da teoria clínica dos traços, os transtornos de personalidade esquizotípica estão altamente relacionados com algumas dessas facetas (WIDIGER; COSTA, 2013).

No Brasil, Vasconcellos e Hutz (2008) realizaram um estudo sobre a construção e validação da Escala Fatorial de Abertura (EFA) e as evidências empíricas do construto. Para a realização da pesquisa, os autores contaram com uma amostra de 809 sujeitos (58,8% mulheres e 41,2% homens), que responderam a uma série de itens previamente elaborados de acordo com a definição do fator e suas dimensões. Após a coleta de dados, submeteram as facetas à análise, afim de concluir uma solução fatorial ao modelo. Os resultados indicaram boas propriedades psicométricas e uma consonância com as facetas já identificadas no NEO-PI-R (COSTA; MCCRAE, 2007).

Em uma pesquisa portuguesa os autores buscaram a relação entre personalidade e comportamento alimentar em mulheres obesas. Para o procedimento foram utilizados o Inventário de Personalidade NEO-PI-R na forma S e o Questionário Holandês do Comportamento Alimentar (D.E.B.Q.), aplicados a uma amostra de 48 mulheres, com idades entre os 23 e os 70 anos, previamente diagnosticadas com obesidade mórbida. Os resultados apontaram uma diferença significativa entre a média obtida no grupo focal e aquela encontrada na população em geral ( $t(47) = 4.039$   $p \leq 0,01$ ). Para os autores, esse resultado, somado as evidências coletadas pelos demais fatores pesquisados, apontam mulheres com tendência a impulsividade, sensibilidade interpessoal e isolamento social (REBELO; LEAL, 2007).

## 2.0.9 TPA: a construção histórica de um conceito

O estudo do transtorno da mente psicopática, remonta ao início do século XIX, com os primeiros estudos do Pinel da “mania sem delírio” (*Manie Sans Délire*), considerada uma desordem afetiva que alterava principalmente a agressividade do indivíduo. Seguindo os estudos de iniciais de Pinel, Esquirol caracterizou o mesmo distúrbio pelo que designou de “monomania”. Essa designação considerava a doença como um tipo de loucura racional, um tipo de insanidade caracterizada por delírios fixos e específicos. Ambos os autores foram duramente criticados pelos círculos científicos da época por sustentarem a existência do delírio contando apenas com sintomas comportamentais (NUNES, 2011; CAMPOS; CAMPOS; SANCHES, 2010).

Em 1835, Pichard publica o *Treatise on insanity and other disorders affecting the mind*, nesse tratado, passou a considerar o funcionamento independente de certas atividades intelectuais e trouxe a classificação moral como o foco principal. Ele elabora o termo Insanidade moral, o qual tem como característica principal a “perversão mórbida dos sentimentos naturais”, ou seja, hábitos, temperamentos, moralidade etc sem qualquer prejuízo à capacidade intelectual ou raciocínio lógico e sem a presença de nenhum tipo de alucinação (MACPHERSON, 1889; BERRIOS, 1999).

Já no final do século XIX, Lombroso elabora a teoria do “delinquente nato”, em que estabelece uma relação muito próxima entre a personalidade do indivíduo e uma tendência inata para o crime e termina por apontar algumas características físicas capazes de identificar um criminoso nato. O termo psicopatia surge a primeira vez através da Escola de Psiquiatria Alemã, no início do século XX. Schneider define a doença como um distúrbio de personalidade que, embora não traga prejuízo no afeto e nem na cognição, teria sérias consequência para o indivíduo no contexto social (HENRIQUES, 2009).

No ano de 1923, Kurt Schneider apresenta um conceito novo quanto a “personalidade psicopática”, a qual é localizada como um subconjunto do que pode ser categorizado como “personalidade anormal”, definida “a partir de norma como termo médio, no sentido de diretriz, o que possibilita a delimitação no campo de atuação da psiquiatria por não considerar a norma de valor, no sentido moral.” Ou seja, na lógica estatísticas de distribuição normal (CAMPOS; CAMPOS; SANCHES, 2010, p. 177). Schneider entende a psicopatia “como uma variação a partir da média, que tanto poderia ter um caráter negativo (antissocial) quanto um positivo (gênio).” (HENRIQUES, 2009, p. 288).

Na década de 1950, Cleckley apresenta dezesseis critérios para a identificação da Psicopatia. Esses critérios foram utilizados por Hare para o desenvolvimento da famosa escala Hare, hoje conhecida como PCL-R. Entre as prin-

cipais características, destaca-se: loquacidade e encanto superficial; egocentrismo e auto-avaliação de grandiosidade; necessidade de estimulação e tendência para o aborrecimento; recurso patológico à mentira; domínio/manipulação do outro; ausência de remorsos e escassa profundidade de afetos; insensibilidade e incapacidade empática; adoção de um estilo de vida parasitário; ausência de controle comportamental; promiscuidade na conduta sexual; precocidade de problemas do comportamento; ausência de metas realistas em longo prazo; impulsividade e irresponsabilidade; incapacidade para assumir responsabilidades pelas próprias ações; relações maritais breves e variadas; presença de delinquência juvenil; revogação de liberdade condicional e versatilidade criminal (HARE; NEUMANN, 2009).

Em 1987, Jessness cria um inventário multi-dimensional, o qual tem como intuito ser aplicado a pessoas envolvidas em situação de delinquência, através de escalas de desadaptação social, orientação para os valores das classes sócio-econômicas inferiores, autismo, alienação, agressividade manifesta, retirada, ansiedade social, recalçamento e recusa. Já Blackburn apresenta elementos capazes de auxiliar a compreensão da psicopatia em outra abordagem tipológica. Para este, a psicopatia se enquadraria como “uma perturbação muito grave com contínuas variações de personalidade refletidas em seus traços” e não somente uma desordem de personalidade; estaria associada com a noção de “amabilidade”, e por esse motivo a agressividade aparece como uma dimensão relevante para estudar a psicopatia. Contudo, a autora destaca críticas a esse entendimento, o qual, ainda que enfatize o comportamento e aumente a confiabilidade do diagnóstico, não considera a culpa ou o remorso como característica (NUNES, 2011, p. 3).

Outra contribuição do estudo de Checkley foi a distinção a transposição dos critérios de psicopatia para o que futuramente foi considerado comportamento antissocial e TPA. Arrigo (2001) afirma que o TPA é um enfoque dos padrões comportamentais, e portanto mais facilmente verificáveis, dos critérios de psicopatia. Embora ambos construtos sejam comumente associados Filho (2013) identifica a necessidade da correta distinção entre os dois construtos afim de evitar que escalas originalmente construídas objetivando avaliar os aspectos mais observáveis, o Transtorno de Personalidade Antissocial, não sejam utilizadas para a mensuração da psicopatia ou o contrário.

### **2.0.10 Do CID ao DSM: Modelos de diagnóstico da TPs**

No final do século XIX, a noção de doença mental amplia seu alcance com a publicação da Classificação Internacional de Doenças, oriundo da “Classificação de Bertillon” de 18936, que tinha o objetivo inicial de clas-

sificar as causas de mortes. Somente na sexta revisão passou a incluir os principais motivos de consultas, possibilitando seu uso em morbidade (Di Nubila; BUCHALLA, 2008). Atualmente a grande maioria das doenças mudaram, assim como o objetivo de uso, o qual agora visa fornecer códigos de classificação para uma grande variedades de doenças e, conseqüentemente, permitir a comparação de resultados, processamentos e classificações estatísticas em uma escala global. O CID, como é conhecido, define transtorno como a ocorrência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente e estatisticamente associados. Já os transtornos de personalidade são descritos “como padrões de comportamento arraigados e permanentes, que abrangem as esferas pessoal e social do indivíduo, determinados por condições de desenvolvimento que surgem na infância ou adolescência.” (CAMPOS; CAMPOS; SANCHES, 2010, p. 177).

A CID-10, décima versão do compêndio, apresenta oito categorias de transtornos de personalidade, sendo eles o paranoide; esquizoide; antissocial; emocionalmente instável; histriônico; anancástico; ansioso; e dependente. Porém, é recorrente, no âmbito da psicologia da saúde, o uso de um outro manual para a definição dos critérios de diagnósticos dos transtornos mentais: O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

A história do manual começa em 1840 com a fundação da AMSAI, Associação Médica de Superintendentes de Instituições Americanas para Insanos - depois passando a se chamar Associação Médica e Psicológica (MPA) e Associação Americana de Psiquiatria (APA) . É no período da APA que encontros anuais foram realizados visando discutir e sistematizar sintomas e quadros nosológicos de distúrbios mentais que irão se concretizar na elaboração dos manuais diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, os DSMs (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

Desde sua origem, o DSM apresenta uma estrutura multiaxial, isto é, composta por múltiplos eixos. Cada eixo abarca um grupo de informações sobre determinados transtornos, de acordo com a seguinte classificação: eixo I - transtornos clínicos; eixo II - transtornos da personalidade e retardo mental; eixo III - condições médicas gerais; eixo IV - problemas psicossociais e ambientais; e eixo V - avaliação global do funcionamento. O modelo multiaxial foi escolhido por favorecer a coleta de uma gama maior de informações do paciente, buscando privilegiar características singulares das manifestações patológicas.

A primeira edição do DSM, lançada o ano de 1952, trazia ao todo 106 diagnósticos diferentes e passava a agrupar os distúrbios de personalidade em 1. Padrão de Perturbação da Personalidade; 2. Perturbação dos Traços de Personalidade; 3. Perturbação Sociopática da Personalidade; 4. Sintomas de Reação e Perturbações Transitórias de Personalidade. É como subdivisão do

distúrbio de personalidade “Perturbação Sociopática da Personalidade” que aparece a “reação antissocial”. Efetivamente, a “Perturbação Sociopática da Personalidade” desse manual tinha sua definição muito próxima do desenvolvido por Kraepelin e Schneider como “Personalidade Psicopática” (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

O DSM-II, publicado em 1968, buscou uma aproximação com os critérios propostos pela OMS, porém ainda com uma forte influência Psicanalista. Neste manual, uma das preocupações era a de descrever as desordens da personalidade não por uma abordagem condutual, existente no primeiro DSM, mas sim em termos de traços psicológicos. As edições seguintes, porém, foram mais bem sucedidas ao buscar estabelecer critérios mais pertinentes para a classificação dos transtornos de personalidade (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

Em 1980, o DSM-III marcará de forma inovadora algumas questões na trajetória dos manuais da APA:

1. Inaugura a definição de grupos clínicos organizados em eixos com descrição de diagnósticos mais completos. Os transtornos de personalidade se encontram no eixo II, juntamente com os transtornos de desenvolvimento;

2. Passa por uma alteração significativa na linguagem utilizada até o momento, abandonando conceitos advindos da Psicanálise. Passa, então, a adotar a busca de um sistema diagnóstico ateuórico, reportando-se a dados epidemiológicos e estatísticos. Em decorrência disso, são feitas alterações na nomenclatura de alguns transtornos. O TPA permaneceu no DSM-III, mas era definido pela sintomatologia de violação das normas sociais; roubo; mentira; preguiça; não se estabelecer em um emprego, assim como narcotráfico (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

Em contrapartida, na revisão do DSM-III, não se registraram muitas mudanças. Cabe, contudo, ressaltar o aparecimento da “comorbidade” e a re colocação da “Personalidade Sádica” e da “Personalidade Depressiva” dos Transtornos de Personalidade para o Eixo I.

Em 1994, a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais é lançado - o DSM-IV - e inova ao acrescentar critérios semiológicos como os transtornos associados e características específicas de gênero, cultura, padrão familiar e diagnóstico diferencial (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009).

Já no DSM-IV-TR (revisão do DSM-IV), os transtornos de personalidade são definidos como “um padrão persistente de vivência íntima ou comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é generalizado e inflexível, tem início na adolescência ou no começo da idade adulta, é estável ao longo do tempo e provoca sofrimento ou prejuízo.” (DSM-IV-TR, p. 641). Assim como na versão anterior, os transtor-

nos de personalidade continuam no eixo II, e estão divididos em três classes: A (estranho-excêntrico), B (dramático-emotivo) e C (ansioso-medroso).

Embora estruturalmente diferentes, todas as publicações apresentadas até aqui, localizam-se em um mesmo modelo de diagnóstico, caracterizado por uma ocorrência binária do fenômeno (presença/ausência) envolvendo uma determinação do número de sintomas, para tal. Para este procedimento dá-se o nome de modelo categorial (Costa, Paul T.; WIDIGER, 2002).

O sistema categórico foca-se, principalmente, nas características salutaras das doenças. A atenção em um determinado grupo de sintomas é adequando na medida em que instiga o clínico a investigar características, que estatisticamente, deveriam estar presentes em um paciente com determinado transtorno. Nesse modelo, por exemplo, indivíduos com um ou dois sintomas de depressão, teriam uma análise muito mais criteriosa, por parte do psicólogo ou psiquiatra, dos demais sintomas de depressão descritos nos manuais (MILLON; DAVIS, 1996).

A abordagem categórica conta com algumas vantagens importantes, principalmente quanto a sua fácil conceitualização e comunicação entre profissionais da saúde, uma vez que as únicas opções de informação do fenômeno são de sua ocorrência, não cabendo a este profissional determinar o nível de um sintoma em comparação com outro (Costa, Paul T.; WIDIGER, 2002). Outra vantagem reside no fato de favorecer familiaridade dos clínicos e pesquisadores com as nomenclaturas e consequentes definições dos transtornos. Isso ajuda no aprendizado e replicação de metodologias em diferentes contextos. Por fim, o modelo categórico auxilia na indicação do tratamento e prognóstico, uma vez que estes não costumam ser dados em critérios de graduação, mas sim em um contexto, também binário, ou seja, uma intervenção ou outra (Costa, Paul T.; WIDIGER, 2002).

Apesar de todas as vantagens apresentadas acima, o modelo categórico apresenta uma série de limitações. American Psychiatric Association APA (1986) chamam a atenção para o fato de que a maioria dos argumentos em favor do modelo categórico justificam-se por ele ser o modelo corrente e tradicionalmente construído. Para esses autores, isso não é salutar e pode significar o não avanço da ciência e ressaltam para a natureza *procustiana* do modelo, em que busca caracterizar o indivíduo através de critérios estabelecidos *a priori*.

Widiger e Costa (2013) apontam para um erro conceitual do modelo, o excesso de diagnósticos de co-morbidade. Para esses autores, o conceito deveria ser substituído por outros mais adequados, como co-ocorrência, devido ao fato dessa ocorrência ser “a norma e não a exceção”. Essa particularidade do modelo favorece a opção por mapeamentos dentro dos critérios propostos em detrimento de diagnósticos diferenciais.

Em resposta a essas e outras críticas ao modelo categorial, alguns autores sugerem uma mudança conceitual no olhar dado ao espectro saúde/doença, através de uma ótica dimensional. Diferente dos modelos categóricos, que conjecturam diferenças qualitativas entre os sujeitos que compartilham características quando identificados na mesma categoria nosológica, o modelo dimensional supõe que indivíduos apresentam todas essas características em algum nível (MILLON; DAVIS, 1996). Ou, dito de outra forma, a proposta dimensional tem uma perspectiva de que diferentes indivíduos, com transtorno ou sem, variam em diferentes dimensões (forma, tensidade, nível de ocorrência) ao longo de *continuum*, sendo as formas patológicas uma formatação específica, embora dotada de faces idiossincráticas (SCHROEDER; WORMWORTH; LIVESLEY, 1992).

Widiger (2011) aponta uma alteração de paradigma no campo dos transtornos de personalidade. Para o autor, ocorre uma verdadeira mudança do modelo categórico para uma proposta mais dimensional. Seguindo essa nova proposta, destaca-se modelo dos cinco grandes fatores (CGF) como um dos mais proeminentes, sendo considerado pelo *P&PD Work Group* como uma das possíveis teorias que embasarão as próximas edições do DSM (SKODOL et al., 2011).

Essas questões foram respondidas com a chegada do DSM 5, que apitou pela manutenção do modelo categorial com a ressalva de apresentar no apêndice um híbrido categórico-dimensional, que por sua vez, tem por base o modelo dos cinco grandes fatores. Cabe ressaltar que embora a estrutura contenha uma grande inspiração dos CGF, tanto a nomenclatura quanto a definição dos fatores tem como base o desenvolvimento não saudável (ASSOCIATION, 2013).

### 3 MÉTODO

O presente projeto visa a construção de um instrumento para a avaliação dimensional do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA), bem como a busca de evidências de validade do mesmo. Utiliza-se o termo de pesquisa “evidências de validade”, pois a validade instrumental na Psicologia é um processo contínuo e, portanto, não pode ser estabelecida dicotomicamente, entre presença ou ausência, mas sim é verificada através de evidências empíricas que, embora não definidoras, apontam para a eficácia do instrumento e, conseqüentemente, a utilização do mesmo na população pretendida.

Metodologicamente, pretende-se identificar os fatores dimensionais da TPA na população através de dois momentos distintos: 1ª Etapa: Construção do Instrumento e 2ª Etapa: Evidências de validade do instrumento (American Educational Research Association, 1999).

#### 3.0.11 1ª Etapa: Construção do Instrumento

Primeiramente, foi realizado um levantamento do estado da arte da produção acadêmico-técnica sobre o tema, através de uma pesquisa bibliográfica e documental, visando conhecer a realidade atual do objeto estudado. Fez parte também dessa fase o detalhamento do TPA e dos fatores que o compõem.

Foi possível identificar na literatura da área a existência de vários sistemas e instrumentos de avaliação de Transtornos de Personalidade e periculosidade criminal, entre os quais cabe mencionar os seguintes: IDTP (Instrumento critério desse estudo, avalia os Transtornos de Personalidade); HCR-20(Historical, Clinical, Risk Management); PCL-R (Psychopathy Checklist Revised); LOUDET (que contém indicadores de maior e de menor periculosidade) e o PRUNES (que estabelece quatro categorias de fatores de periculosidade) (Mathes, 2010). A pesquisa desses instrumentos se justifica, especificamente, pelo aporte teórico de abordagem do fenômeno uma vez que o projeto se fundamenta em uma já consolidada teoria da personalidade e, ao contrário dos estudos acima, procura uma análise dimensional clínica do mesmo e não relacionada com o contexto da criminalidade.

Os procedimentos para essa primeira etapa incluíram: A identificação do fenômeno no leque comportamental e nas relações indivíduo meio; e a identificação dos principais fatores a serem mensurados na para avaliação do fenômeno ou, expresso de outra forma, a dimensionalidade (PASQUALI, 1999). Uma vez completados os processos anteriores, foi estabelecida a

definição constitutiva seguida da definição operacional por fator e, por fim, a construção dos itens de acordo com todos os procedimentos supracitados. Esse processo foi acompanhado e submetido à análise de juízes, que determinaram que item construído melhor se aproximava dos fatores identificados (PASQUALI, 2003). Através desse etapas criteriosas de construção de itens, objetivamos identificar as características de diagnóstico para TPA de acordo com as propostas apresentadas para o DSM V. Itens de tendência negativa, ou negativados, foram utilizados na proporção de dez por um, ou um por faceta, conforme o modelo do CGF. Tais itens têm o objetivo de referenciar os demais nas análises posteriores e balizar o instrumento, verificando o grau de confiabilidade nas respostas individuais.

Para a composição do instrumento de pesquisa, foi utilizada uma escala do tipo Likert com cinco pontos que vão do “discordo totalmente” ao “concordo totalmente”. Pretendeu-se, com o uso dessa escala, conseguir uma alta variância nas respostas do quadro amostral bem como uma maior precisão do fenômeno estudado. Antes da aplicação do instrumento, foram utilizada uma seção com itens sócio-econômicos e dados categoriais para identificação de grupos amostrais.

Para a análise de juízes foram recrutadas cinco pessoas com diferentes especialidades na Psicologia (quatro pessoas com produções temáticas na área da Psicometria e um especialista na temática de Personalidade e Transtorno de Personalidade Antissocial) para avaliar dez critérios nos itens - comportamental; objetividade; simplicidade; clareza; relevância; precisão; variedade; modalidade; tipicidade e credibilidade (PASQUALI, 2003). Nessa fase, questões que foram reprovadas em algum dos critérios foram reelaboradas ou descartadas conforme posição do pesquisador.

Após a análise do conteúdo, deu-se prosseguimento na construção do instrumento através da análise semântica dos itens. Para essa etapa foram recrutados 20 indivíduos com diferentes níveis de escolaridade, semelhante ao do público-alvo (Ensino Médio e Superior). Os participantes foram submetidos ao produto final do instrumento e, além de responder ao material proposto, deveriam relatar qualquer dúvida ou incompreensão.

### **3.0.12 2ª Etapa: Evidências de validade do instrumento**

Buscando as evidências de validade do instrumento, foram realizados estudos de estrutura interna do instrumento, através da análise fatorial bem como as evidências de validade convergente, utilizando-se para este estudo o instrumento Inventário Dimensional Clínico da Personalidade ou como é conhecido IDCP como padrão ouro (CARVALHO, 2011).

### 3.0.12.1 Instrumentos Utilizados

IDCP - Inventário Dimensional Clínico da Personalidade: Instrumento criado com 163 itens com o intuito de avaliar de transtornos da personalidade a partir do modelo teórico de Millon em uma escala de quatro pontos. Contém ao todo 12 fatores: Dependência, Agressividade, Instabilidade de Humor, Excentricidade, Necessidade de Atenção, Desconfiança, Grandiosidade, Isolamento, Evitação à Críticas, Autossacrifício, Conscienciosidade e Impulsividade. Os resultados indicaram boas correlações com os fatores da escala NEO-PI, além de resultados favoráveis na análise de protótipo, também quanto a mesma escala. O Alpha de Cronbach de todos os fatores foi próximo a 0,70 demonstrando uma boa consistência para avaliação desses construtos.

IDPS - Inventário Dimensional de Pró - Sociabilidade: Instrumento criado com 119 itens com o objetivo de avaliar o transtorno de personalidade antissocial através de uma perspectiva dimensional. O instrumento conta com uma escala do tipo Likert de cinco pontos com uma estrutura visual variando de 1 à 5 com o auxílio de espectro de cores para melhor compreensão semântica das categorias. Criado baseado no modelo dos Cinco Grandes Fatores o IDPS visa propor uma alternativa de mensuração mais próxima aos critérios adotados no DSM 5.

### 3.0.12.2 Participantes

Para a coleta de dados, foi utilizada uma amostra de 399 pessoas para as evidências baseadas na estrutura interna. O número total foi estimado através da construção do número de item e de fatores analisados (Socialização, Extroversão e Neuroticismo) com a proporção 100 itens por fator. A amostra é composta por indivíduos maiores de 18 anos de ambos os sexos. Os sujeitos foram acessados através de aplicação presencial do instrumento na Universidade Federal de Santa Catarina (180 casos) e através de aplicação online da escala através do sítio Concerto Platform (220 casos). Do total 75% eram mulheres e média das idades foi de 28 anos(d.p.=10,50). Nos estudos de evidências de validade baseadas em outras variáveis foram aplicadas as duas escalas no forma física e em sequência, IDPS e IDCP na ordem, em seguida os resultados foram relacionados. Essa amostra teve 109 casos, em sua maioria mulheres (83%) e com idade média de 22 anos (d.p.=4,94)

### 3.0.12.3 Procedimentos

Foi solicitado a todos os participantes da pesquisa consentimento informado, conforme os procedimentos éticos em pesquisa com seres humanos, conforme o apêndice A, bem como todos os dados coletados foram armazenados e tabulados separadamente, preservando o anonimato dos participantes. Para os sujeitos acessados pelo sítio, foi solicitada a permissão ao uso das informações na página inicial, só podendo participar da pesquisa e acessar o conteúdo propriamente (a escala) aqueles que permitiram o uso das informações após leitura de um texto explicativo, conforme procedimentos ético supracitados.

O instrumento foi aplicado coletivamente em grupos de no máximo cinquenta pessoas, iniciando o processo de coleta de dados com uma breve explanação dos objetivos da pesquisa e retirada de dúvidas dos participantes. A participação no estudo foi voluntária, não acarretando remuneração de nenhum tipo na inclusão. Cada sujeito respondeu ao Inventário Dimensional de Pró-Sociabilidade e em seguida ao Inventário Dimensional Clínico de Personalidade.

### 3.0.12.4 Procedimentos de análise de dados

Para a análise dos dados foi utilizado o software estatístico STATA (Stata Statistical Software: Release 12, 2011), para a extração dos fatores na Análise Fatorial, levantamento descritivo da amostra, análise de precisão dos fatores extraídos e correlação com o instrumento critério.

Para a verificação da estrutura interna foi utilizada a análise fatorial exploratória, com o objetivo de extrair um modelo parcimonioso e com poder explicativo da distribuição da variância. De forma geral, itens altamente correlacionados serão agrupados em Fatores mais amplos. Nesse momento, também serão realizados procedimentos de estatística descritiva, para o perfil do público alvo, e estudos de correlação entre as facetas e fatores e os fatores do IDCP. Evidências de consistência interna serão descritas com a análise do Alpha de Crombach entre o grupo de facetas.

As análise através do modelo de escalas graduadas, uma variação do modelo de Rasch, foi utilizado em sequência para melhor compreensão da distribuição dos fatores bem como uma mapeamento completo da dificuldade dos itens em relação a amostra pesquisada. A análise objetivou remover itens que apresentavam uma série de respostas inesperadas má distribuição no espectro do theta. Por fim a correlação item-theta auxiliou a decisão da remoção ou permanência do item no fator.

Os procedimentos de correlação com o instrumento padrão ouro foram realizados depois da compreensão das propriedades psicométricas do instrumento, esse estudo foi realizado com o objetivo de determinar o grau de validade do IDPS em relação aos construtos também avaliados pelo IDCP. Após essa etapa, e como conclusão dos estudos de validade de critério, foi realizado a regressão do modelo em relação ao protótipo de TPa extraído do IDCP.



## 4 RESULTADOS

### 4.1 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

Essa sessão tem o objetivo de apresentar os resultados obtidos nas análises do instrumento IDPS, conforme os objetivos do projeto e métodos vistos na seção anterior. Tendo em vista a grande quantidade de dados gerado nas análises e os múltiplos procedimentos em que a escala foi submetida, os resultados serão apresentados em duas subseções distintas, quais sejam, o processo qualitativo e as análises quantitativas.

A primeira etapa apresentará os resultados dos procedimentos objetivando as evidências de validade de conteúdo, através da avaliação dos juízes; a análise de semântica obtida no estudo piloto; e a configuração final do instrumento. A etapa seguinte apresentará os resultados da Análise Fatorial, consistência interna com o Alpha de Cronbach e, por último, as evidências de validade de construto relacionado com as correlações com o instrumento padrão ouro IDCP.

#### 4.1.1 Evidências de validade de conteúdo

Com o objetivo de construir um inventário para a mensuração das facetas preditivas do TPA, foi levantado o estado da arte das pesquisas sobre esse transtorno, bem como instrumentos de medida acerca do mesmo fenômeno ou de fenômenos correlatos, como a personalidade como um todo ou mesmo a psicopatia. Usando a teoria que embasou toda a pesquisa (CGF), encontraram-se três fatores de especial destaque para a preditividade do transtorno de personalidade antissocial, à saber Socialização, Extroversão e Neuroticismo (WIDIGER; COSTA, 2013). Dentro desses fatores foram elencadas as principais facetas que compõe o distúrbio analisando estudos com a Neo PI-R (escala de avaliação dos Cinco Grandes Fatores), a PCL-R (escala de avaliação de psicopatia) (WIDIGER; COSTA, 2013), análise prototípica utilizando os fatores da CGF (MILLER; LYNAM, 2008) e estudos de meta análise (DECUYPER; PAUW, 2009). Dessa forma, obteve-se quais facetas de neuroticismo - como Hostilidade, Impulsividade (ambas agrupadas na faceta Instabilidade Emocional da BFP) e Depressão - tem maior poder preditivo do transtorno. Do fator Extroversão foram determinantes facetas como Busca por Sensações, Assertividade e Atividade, todas elas presentes apenas na escala Neo-PIr, porém com relação teórica com a faceta Dinamismo e

Busca por Novidades na BFP. Quanto ao fator Socialização, todas as facetas apresentaram um alto poder preditivo e esse fator foi o único avaliado em sua totalidade.

Dessa forma, foram criados 100 itens para a escala, sendo que se somaram a estes mais 39 itens de todos os Cinco Grandes Fatores, os quais foram previamente testados e tiveram a função de âncora, balizando os resultados produzidos de acordo com avaliações anteriores. No total, o inventário contava com 139 itens. Destes, 44 itens tratavam do fator Socialização, 40 do fator Neuroticismo, 35 do fator Extroversão, 10 itens do fator Abertura e 10 do fator Realização. Todos os itens foram construídos conforme as regras apresentadas Pasquali (1999) e de tendo como base as as definições das facetas da CGF presentes nos trabalhos da BFP (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008) e do Neo-PI-R (COSTA; MCCRAE, 2007).

Os itens foram submetidos a avaliação de cinco juízes expertos, quatro especialistas em avaliação psicológica e um especialista em Transtorno de Personalidade Antissocial. Todos receberam as definições utilizadas para a pesquisa, bem como uma planilha para preenchimento individual. Sua tarefa era classificar cada item de acordo com o seu fator e, posteriormente, de acordo com a faceta. Seus resultados apontaram para a necessidade de reformulação de oito itens, reclassificação de cinco e a exclusão de vinte itens. Na configuração final o IDPS permaneceu com 119 itens, dos quais 40 se referiam à Socialização, 39 itens ao Neuroticismo, 20 ao fator de Extroversão, 10 itens ao fator de Abertura e 10 ao de Realização.

Após a análise dos Juízes, deu-se prosseguimento para a validação semântica, com o intuito de avaliar, junto a uma amostra semelhante ao público alvo, a compreensão e a qualidade dos termos utilizados em cada item. Foi selecionado um grupo de 20 estudantes universitários que responderam ao questionário e receberam orientação de indicar, quando necessário, um item que havia considerado confuso ou de difícil compreensão. Com base neste levantamento, apenas dois itens foram apontados como problemáticos, os quais foram reescritos para a aplicação da pesquisa.

## **4.1.2 Evidências baseadas na estrutura interna**

### **4.1.2.1 Análise Fatorial**

A análise Fatorial é uma técnica estatística que busca, através de uma série de matrizes de correlação e análises multivariadas, extrair o menor modelo de agrupamento de itens conforme a variância dos mesmos. Em outras palavras, a Análise Fatorial objetiva criar um modelo que explique a variância

dos itens de modo a agrupá-los na menor quantidade de fatores possíveis (PASQUALI, 2012). Para propósitos dessa pesquisa foi utilizado o pacote estatístico STATA 12 para a análise fatorial exploratória (Stata Statistical Software: Release 12, 2011).

Antes da análise fatorial foram realizados o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) com um resultado de 0,78 o que indica uma adequação da amostra para essa etapa. Em seguida o teste de esfericidade de Barlett apresentou um resultado significativo ( $\chi^2=13088,60$   $p \leq 0,01$ ) A primeira Análise Fatorial levou em conta a independência dos Fatores conforme a teoria do CGF. Para essa etapa foi utilizada a rotação ortogonal dos Fatores S, E e N (principais fatores para preditividade do fenômeno), com o emprego da normalização de Kaiser. Conforme relatado, o instrumento embora avaliando todos os cinco fatores focou-se na construção de itens nos três fatores acima, tendo em vista a importância teórica destes com o TPA. Foi observado que o agrupamento em três fatores indicou que não houve correspondência entre os fatores encontrados e as definições dos mesmos, diante do que se concluiu pela necessidade de um modelo com maior número de fatores para a explicação das variáveis, haja vista, a necessidade de extrair-se as menores unidades interpretativas dos itens. Nesse caso, portanto, foi verificado o número máximo de fatores interpretáveis encontrados.

Para determinar a quantidade de fatores a serem extraídos, utilizou-se o critério proposto por Kaiser (1960), o qual determinava a sobrevivência de fatores com *eigenvalues* superiores a 1 (um), em combinação com a análise paralela de combinações aleatórias. Para explicar esse procedimento é necessária a compreensão de *eigenvalues*. Este valor mede a variância dos itens que pode ser explicada pela presença no dentro fator. A análise paralela é uma técnica que simula uma série de banco de respostas aleatórias com o intuito de comparar o *eigenvalues* obtido no banco verdadeiro com os bancos gerados. A lógica de tal procedimento é que só deve-se extrair fatores cujos *eigenvalues* sejam superiores a da solução com resposta aleatória. Normalmente tal procedimento exige uma simulação de um número alto de bancos de dados, no caso dessa pesquisa foram gerados 500 bancos aleatórios, que posteriormente foram comparados com a extração do banco verdadeiro.

O resultado da comparação do *eigenvalues* reais e simulados são apresentados na figura 1.

O método de análise paralela indicou a extração de 14 fatores para o Inventário. Embora essa extração tenha agrupado facetas conforme o modelo dos CGFs, alguns fatores eram compostos por itens que apresentavam baixa carga fatorial (nenhuma superior a 0.3) ou apenas um item com carga elevada. Por esse motivo foram excluídos do modelo os itens que apresentavam *uniqueness* acima de 0.90, ou seja, que tinham baixa ou nenhuma interação com

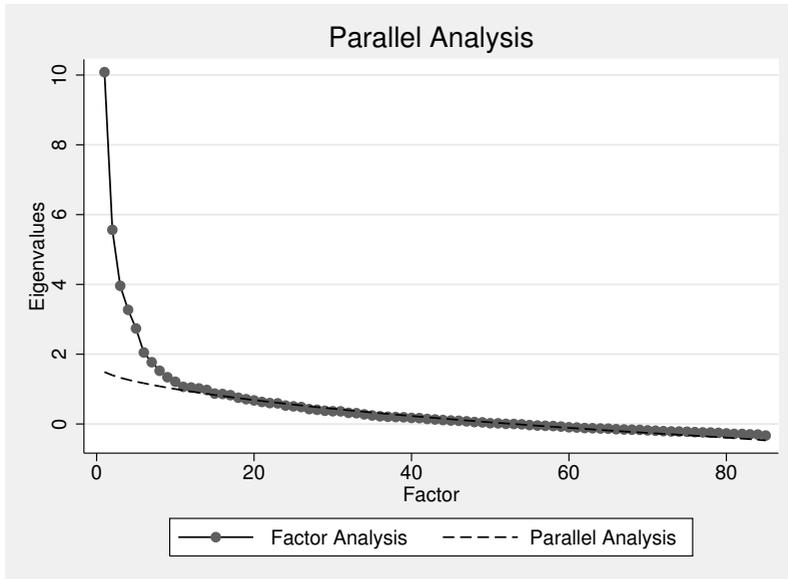


Figura 1 – scree plot dos dados reais e simulados da IDPS

os fatores.

Como o pressuposto teórico trata de uma interação entre os componentes e os fatores principais, optou-se pela adequação do modelo a essa natureza do fenômeno através da análise fatorial *Iterated Principal Factor*, ou análise iterativa dos fatores principais. Depois da limpeza do banco de dados e da adequação da interatividade do modelo, foi realizada novamente uma análise paralela que estimou a presença de 10 fatores, conforme podemos observar na figura 2

Os 10 fatores extraídos tiveram uma estreita relação com os aspectos identificados como relevantes, nos três fatores avaliados, para a identificação de ATS. Contudo, alguns destes apresentaram correlações inesperadas. Isto deve-se, em partes, pela a intensidade de de cada item que pode ter causado uma aglomeração inesperada. Esta pesquisa optou por essas diretivas por considerar a maior importância de determinadas facetas do *Big Five* para a explicação do fenômeno TPA, conforme alguns estudos indicaram (WIDIGER; COSTA, 2013) (MILLER; LYNAM, 2001) (DECUYPER; PAUW, 2009).

O primeiro fator agrupou itens de prazer quanto ao desrespeito às leis, assim como a busca contínua de eventos que causem excitação, foi denomi-

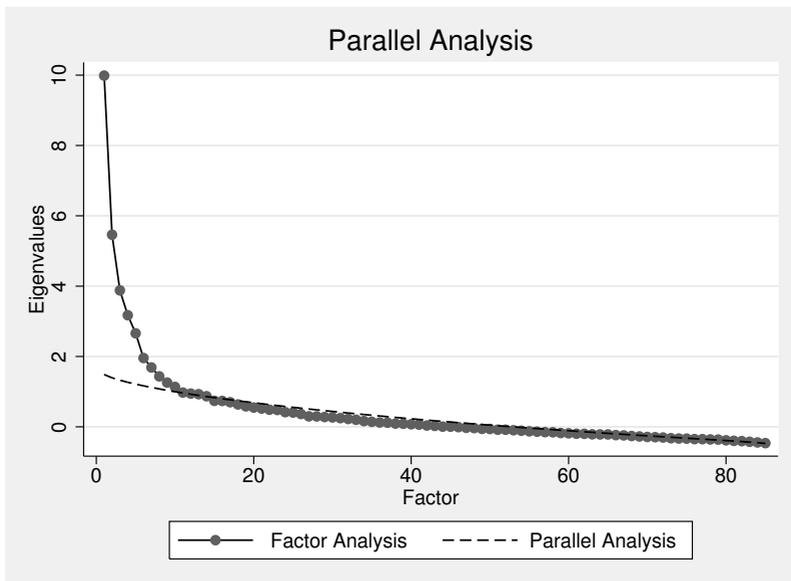


Figura 2 – scree plot dos dados reais e simulados - Análise Fatorial com Interatividade

nado, portanto, como fator Risco. O fator denominado Amabilidade, segundo da extração, agrupou itens de desejo de bem estar coletivo, dedicação às demandas de outros e esforço para que elas sejam atendidas, respeito às normas e leis e, por fim, honestidade. Como exemplo do fator Amabilidade pode-se citar o item *Gosto de ajudar pessoas*. O terceiro fator, doravante denominado Impulsividade, ficou composto de itens que relatam dificuldade em pensar antes de agir e tendências de decidir em pouco tempo. A Confiança nas Pessoas, o fator quatro, reuniu itens de otimismo, crença nos outros e especulações quanto a natureza do indivíduo. O quinto fator associou itens de apatia, nervosismo e satisfação com a vida, o qual foi denominado Instabilidade Emocional. Em contraposição ao quinto, o seguinte fator agregou itens de controle a fatores estressantes, como *Em momentos difíceis mantenho a calma*, fazendo parte do fator então definido como Controle Emocional. O fator Comunicação ordenou itens de facilidade de iniciação ao diálogo, capacidade de interação com outros e superação da timidez. O oitavo fator reuniu itens de Antagonismo Social, como capacidade de manipulação, egoísmo e hostilidade com as pessoas. O penúltimo fator foi denominado Agressividade e compreendeu itens de respostas violentas, perda de controle emocional que resulta em agressão e hostilidade física. Por fim, o fator 10 agrupou apenas

dois itens, ambos medindo relação de passividade na ação.

#### 4.1.2.2 Análise fatorial - Segunda Etapa

A segunda etapa da Análise Fatorial inseriu as demais facetas de Abertura e Realização no modelo extraído anteriormente, esse procedimento justificase por oportunizar um estudo comparativo dos 10 fatores extraídos e a teoria do CGF. Foram criadas 10 variáveis com as médias dos escores por fator e examinados, novamente, pela Análise Fatorial junto com mais 4 Facetas de Abertura e Realização. Novamente, foi utilizado a rotação ortogonal com o emprego da normalização de Kaiser. Extraíu-se um modelo de cinco fatores, que corrobora o aporte teórico, conforme observado na tabela 1. É importante destacar que algumas facetas construídas para o teste foram, na avaliação dos juízes, localizadas em um determinada fator porém após a análise fatorial foram apontadas para um Fator diferente. Isso acontece devido a duas causas: 1 - a construção dos itens levou em conta as Facetas com maior poder preditivo, ou seja, o instrumento final contava com uma quantidade de itens desbalanceada entre os Cinco Grandes Fatores, como é o caso da faceta Ponderação (R2 na BFP) extraída junto a neuroticismo, justamente porque as principais características do Fator N aferidas dizem respeito a impulsividade e hostilidade; 2 - outra explicação pode-se encontrar na produção acadêmica, podemos encontrar mesmas distinções em outros testes validados no Brasil, como a BFP, que também apontou a ausência da faceta Busca por Sensações (E5 no NEO - PI), e extraíu os itens para a Faceta Abertura, no IDPS ocorreu um deslocamento semelhante o Fator 1 Risco continha itens originalmente construídos para E5 e também agrupou-se às facetas de Abertura no modelo final (NUNES; HUTZ; NUNES, 2008).

Após a análise fatorial dos itens foi realizado estudos de precisão, relatados ao longo da análise psicométrica pelo modelo de Rasch.

#### 4.1.3 Análise da escala IDPS com o uso do modelo de escalas graduadas

Após os estudos de precisão, o instrumento foi analisado de acordo com o modelo de escalas graduadas para determinar as propriedades psicométricas da escala específicas a este modelo da TRI. Para essa fase do estudo foi utilizado o software estatístico Winsteps (LINACRE, 2013a), o qual conta grande detalhamento dos parâmetros dos itens e dos respondentes no modelo de Rasch e derivados. No caso desse estudo, foi utilizado um variação do modelo de Rasch conhecido como “respostas graduadas”, específico para

Tabela 1 – Análise Fatorial 5 Grandes Fatores

	Neuroticismo	Socialização	Abertura	Extroversão	Realização	Uniqueness
Risco		0.3700	0.6337			0.4005
Amabilidade		-0.5543		0.3446	0.4065	0.3920
Impulsividade	0.7551					0.3527
Confiança nas Pessoas		-0.6044				0.5814
Instabilidade Emocional	0.3595			0.6574		0.3805
Controle Emocional	-0.5436					0.5550
Comunicação				-0.3931		0.7045
Antagonismo Social	0.3542	0.6142				0.4834
Agressividade	0.4378	0.4117				0.6120
Passividade				0.3791		0.8457
Ideias Abertura			0.4275			0.7824
Busca por Novidades Abertura			0.6369			0.5656
Competência Realização					0.5945	0.5272
Prudência Realização	-0.7227					0.4205
Empenho Realização					0.5438	0.6510

itens politômicos com escalas no mínimo ordinais.

Para o início da análise, foram observados os indicadores de *infit* e *outfit* dos itens. Estes dados são importantes por representarem a ocorrência de respostas inesperadas das pessoas com thetas muito próximos da dificuldade do item ou muito distante, respectivamente. Isso significa que pessoas com alto níveis de theta no fator indicado devem seguir progressivamente os níveis de dificuldade até alcançar um item que o supere; caso isso não ocorra, pode demonstrar uma incompreensão do item ou ser um indicativo de não precisão da escala. Após a análise do *infit* e *outfit* foram verificados os números de correlação item-theta, que representa um nível de relação entre o item e a variável latente. Tal informação é pertinente para a avaliação da importância daquele item específico para aquele Fator. Em seguida, foram verificadas as propriedades de cada categoria de resposta em busca de desordens. Isso significa que cada item deve seguir uma sequência progressiva, ou regressiva, nas suas categorias quando analisado o theta. Caso isto não ocorra, pode significar uma não adequação daquelas categorias para avaliação do fator; a não existência de uma ordenação entre as categorias; o baixo número de respondentes para aquela categoria.

Por fim, foram analisados os mapas dos itens, os quais são uma representação importante para a verificação da distribuição dos itens de acordo com os níveis de thetas da amostra pesquisada. Um instrumento preditivo de Transtorno de Personalidade precisa ter um espectro bem distribuído e próximo dos níveis da amostra alvo (pacientes) com o transtorno. É também importante que ele seja capaz de distinguir a amostra-alvo dos demais indivíduos, visando minimizar o erro de diagnóstico. Todas essas informações podem ser utilizadas para um planejamento de inserção de novos itens em cada fator ou uma revisão dos itens que não sobreviveram até a análise em TRI.

Uma das limitações da análise da Teoria de Resposta ao Item, conforme o modelo de Rasch, é a necessidade de unidimensionalidade do instrumento. Diante dessa limitação, cada fator foi analisado de forma separada.

#### 4.1.3.1 Análise das propriedades psicométricas do Fator 1 - Risco com o uso do modelo de Rasch

No primeiro Fator analisado, Risco, as análises guiaram as decisões psicométricas de manter ou retirar os itens, conforme os critérios apresentados para o próprio software Winsteps (LINACRE, 2013b). Segundo a versão, os números de *Infit* e *Outfit* não podem passar de 1,5 para o item apresentar propriedades aceitáveis. Para a correlação item-theta os valores precisam ser superiores a 0,30, caso não consigam atingir esses padrões eles podem ser removidos da escala, a critério do seu conteúdo e da importância de sua mensuração para o objetivo fim do instrumento. Os dados do Fator 1 podem ser verificados na tabela 2

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MEASURE	MODEL S.E.	INFIT MNSQ	OUTFIT ZSTD MNSQ	PT-MEASURE ZSTD CORR.	EXACT EXP.	MATCH OBS%	ITEM
12	944	376	-.51	.06 1.44	5.5 1.61	6.9 A .46	.65	37.2	41.8	e5i43i_inv
11	886	358	-.48	.06 1.26	3.4 1.31	3.7 B .56	.65	41.2	41.9	e5i118
10	764	382	.19	.06 1.29	3.5 1.26	2.7 C .57	.60	45.7	47.2	e5i25
9	627	380	.80	.07 1.28	3.1 1.13	1.2 D .52	.54	58.8	56.5	e2i32i
8	711	375	.35	.07 1.13	1.6 1.13	1.4 E .60	.58	54.1	49.4	e5i59
5	578	358	.87	.08 1.06	.7  .87	-1.1 F .61	.52	66.1	57.9	e5i115
7	742	361	.09	.06 1.01	.1 1.05	.6 f .58	.60	50.1	47.1	e2i87i
6	1089	361	-1.14	.06  .97	-.4  .97	-.4 e .68	.68	47.6	40.1	e5i84
2	824	376	-.09	.06  .79	-3.0  .92	-.9 d .66	.62	56.9	45.2	e5i42
4	804	368	-.09	.06  .85	-2.1  .83	-2.1 c .68	.62	52.7	45.4	e2i72i
3	877	392	-.14	.06  .71	-4.4  .74	-3.5 b .70	.65	51.6	43.9	e5i19
1	722	359	.16	.07  .64	-5.4  .62	-4.8 a .73	.60	57.5	47.4	e5i100
MEAN	797.3	370.5	.00	.06 1.03	.2 1.04	.3		51.6	47.0	
S.D.	134.2	10.8	.53	.01  .24	3.3  .26	3.1		7.6	5.3	

Tabela 2 – Itens do Fator 1 - Risco *Infit* e *outfit*

Podemos verificar, de acordo com a tabela, que os valores de *infit* estão dentro do padrão aceitável, variando de 1,44 à 0,64. Os números do *outfit* mantem-se em uma variação próxima, com exceção do item número 12 que apresenta valores um pouco acima do esperado (1,61). Na análise da correlação item-theta todos os dados obtidos foram satisfatórios e indicam que um número superior a 0,46 para todos os itens. Quando observada a ordenação nas categorias foram detectados apenas duas desordens, no item

12 e no item 8, ambas na categoria extrema. (Discordo Totalmente para o item 12 e Concordo Totalmente para o item 8). Foi observada que essa desordem foi causada pela baixa de incidência de resultados naquela categoria (menores que 5%).

Para a compreensão da distribuição dos itens dentro do fator, foi utilizado o mapa de itens, focando o resultado no item que apresentou um *outfit* ligeiramente superior (Item 12), o extrato obtido pode ser verificado na figura 3

Pode-se perceber que a variação do theta das pessoas foram de -4 à 3, enquanto que os itens mediram um espectro de -1 à 1, sendo o theta médio da amostra inferior a -1. Embora mal distribuídos os itens se posicionaram conforme o esperado na distribuição levando-se em conta que indivíduos com TPA tendem a apresentar um comportamento de risco superior a média da amostra, sendo que esses 12 itens foram capazes de avaliar um amplo espectro nessa tendência. Recomenda-se porém que novos itens carregados de dificuldade ainda mais extrema sejam inseridos na escala para uma correta inferência da dimensão superior da distribuição. Quanto ao item 12 que apresentou os dados de *Outfit* ligeiramente superiores optou-se pela permanência dele no instrumento devido aos escores serem muito próximos do padrão de corte e os demais critérios não apresentaram alteração significativa. Para a última análise nesse fator, foram extraídas as informações de thetas mínimo e máximo e comparadas com os números mínimos e máximos de dificuldade dos itens, conforme a tabela 3.

Pode-se notar que enquanto o theta das pessoas variou de -3,9 à 2,43 enquanto a dificuldade dos itens variou precisamente de -1,14 à 0,87 o que corrobora os dados observados no mapa de itens. Isso significa que enquanto a distribuição da habilidade das pessoas (Risco) varia em um espectro muito maior o IDPS só conseguiu detectar uma fração dessa variação, porém ao analisarmos o theta médio das pessoas verificou-se um número próximo ao limite inferior da dificuldade (-1,07), ou seja o *continuum* de variação da dificuldade é capaz de distinguir a média da amostra de indivíduos com theta extremado, salutar para um instrumento preditivo de TPs.



SUMMARY OF 383 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	24.8	11.4	-1.07	.40	1.05	-.1	1.03	-.1	
S.D.	9.0	2.0	1.04	.16	.70	1.5	.72	1.4	
MAX.	56.0	12.0	2.43	1.13	4.14	4.5	5.11	5.1	
MIN.	3.0	1.0	-3.90	.30	.00	-3.8	.00	-3.7	
REAL RMSE	.48	TRUE SD	.92	SEPARATION	1.92	PERSON RELIABILITY	.79		
MODEL RMSE	.43	TRUE SD	.95	SEPARATION	2.21	PERSON RELIABILITY	.83		
S.E. OF PERSON MEAN =	.05								
SUMMARY OF 12 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	797.3	370.5	.00	.06	1.03	.2	1.04	.3	
S.D.	134.2	10.8	.53	.01	.24	3.3	.26	3.1	
MAX.	1089.0	392.0	.87	.08	1.44	5.5	1.61	6.9	
MIN.	578.0	358.0	-1.14	.06	.64	-5.4	.62	-4.8	
REAL RMSE	.07	TRUE SD	.53	SEPARATION	7.79	ITEM RELIABILITY	.98		
MODEL RMSE	.06	TRUE SD	.53	SEPARATION	8.26	ITEM RELIABILITY	.99		
S.E. OF ITEM MEAN =	.16								

Tabela 3 – Parâmetros psicométricos para o Fator 1

#### 4.1.3.2 Análise das propriedades psicométricas do Fator 2 - Amabilidade com uso do modelo de escalas graduadas

Seguindo os procedimentos de análise, no Fator 2 - Amabilidade foram observados os valores de *infit* e *outfit* que não superaram o valor limite. Os números finais variaram de 1,43 à 0,63 para o *infit* e 1,42 à 0,65 para o *outfit*, demonstrando uma adequação da dificuldade dos itens em relação ao theta da amostra, sem ocorrências de respostas inesperadas, de acordo com a tabela 4

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MODEL MEASURE	INFIT S.E.	OUTFIT MNSQ	PT-MEASURE ZSTD	EXACT MATCH CORR.	EXP. EXP.	OBSY OBSY	ITEM
10	1506	381	-.14	.0611.43	5.111.42	4.81A .46	.521	35.7	44.0	n1324
8	1439	376	.03	.0611.21	2.711.31	3.71B .42	.531	43.6	42.6	s2349
7	1376	357	.01	.0611.24	2.911.30	3.51C .43	.511	39.9	42.4	s23116
6	1023	357	1.10	.0511.15	2.111.14	2.01D .54	.581	33.7	36.3	s13114
5	1634	392	-.49	.0711.11	1.411.12	1.41E .52	.541	50.9	48.4	s235
9	1164	370	.80	.0511.02	.311.06	.91e .52	.581	39.0	37.1	s1370
3	1655	381	-.78	.071 .88	-1.41 .74	-3.11d .60	.461	63.2	53.2	s1340
4	1337	361	.19	.061 .73	-4.21 .75	-3.61c .64	.531	50.0	40.8	s1396
1	1553	361	-.69	.071 .69	-4.01 .66	-4.11b .59	.451	61.7	51.3	s1385
2	1386	358	-.02	.061 .63	-5.61 .65	-5.01a .56	.511	50.1	42.4	s13109
MEAN	1407.3	369.4	.00	.0611.01	-1.11.02	.11		46.8	43.9	
S.D.	189.2	11.8	.57	.011 .25	3.41 .28	3.41		9.7	5.3	

Tabela 4 – Itens do Fator 2 - Amabilidade *Infit* e *outfit*

Não ocorreram desordens de nenhuma ordem nas categorias o que demonstra uma boa compreensão dos rótulos adotados para a avaliação da amabilidade e uma adequação da escala para a mensuração desse construto. Os valores da correlação item-theta também foram favoráveis e apresentaram números superiores à 0,42, bem acima dos 0,30 limites para a adequação.

Em seguida foram avaliadas as distribuições dos itens conforme o theta das pessoas através do mapa de itens, na figura 4. Seus resultados apontaram uma distribuição de itens muito próxima a média de thetas, um resultado não muito bom para um instrumento de auxílio de diagnóstico. Enquanto a variação dos thetas das pessoas foi aproximadamente de -3 à 4 os valores da dificuldade dos itens variou de números próximos a -1 e 1, sendo que a média dos thetas também é encontrada próximo a esses valores, indicando que o teste pode perder informações caso os escores theta em amabilidade sejam muito abaixo da média sendo esse resultado o esperado na TPA.

Na última análise foi gerada as tabelas com as informações de precisão e as informações empíricas dos valores mínimo e máximo, a extração pode ser





#### 4.1.3.3 Análise das propriedades psicométricas do Fator 3 - Impulsividade com o uso do modelo de escalas graduadas

As propriedades do Fator 3 - Impulsividade foram medidas em seguida. Repetindo-se o mesmo processo de análise, foi primeiro gerada uma tabela sumário com os valores *infit* e *outfit* para a verificação da adequação e, consequentemente a anuência da permanência dos itens, a tabela 6 produzida pode ser encontrada a seguir.

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MEASURE	MODEL S.E.	INFIT ZSTD	OUTFIT MNSQ ZSTD	PT-MEASURE CORR.	EXACT EXP.	MATCH OBS%	ITEM			
9	805	361	-.06	.06	1.67	7.6	1.68	7.2	.43	.58	32.3	42.9	n2191
8	647	370	.68	.07	1.57	5.9	1.52	4.8	.45	.51	43.3	51.2	s2180
7	549	369	1.25	.08	1.18	1.8	1.04	.3	.43	.45	62.1	62.4	n5163i
6	1026	381	-.63	.06	1.01	.2	1.04	.6	.58	.63	44.7	39.6	n5121
5	871	370	-.22	.06	.91	-1.3	.95	-.6	.57	.59	46.8	42.4	n5161i
3	914	370	-.37	.06	.88	-1.7	.91	-1.3	.64	.60	41.4	41.2	n5171
4	764	360	.12	.06	.87	-1.8	.84	-2.0	.64	.57	53.5	44.5	n5195
2	1012	381	-.58	.06	.73	-4.3	.74	-4.0	.68	.62	48.4	39.8	n5123
1	830	357	-.19	.06	.59	-6.5	.59	-6.2	.74	.60	57.7	42.7	n5110
MEAN	823.1	368.8	.00	.06	1.05	.0	1.03	-.2			47.8	45.2	
S.D.	148.6	8.0	.58	.01	.34	4.3	.33	3.9			8.5	6.9	

Tabela 6 – Itens do Fator 3 - Impulsividade *Infit* e *outfit*

Os valores de *infit* e *outfit* do fator três extrapolaram aos valores encontrados nos fatores anteriores, variando de de 1,67 à 0,52 para o *infit* e 1,68 e 0,59 para o *outfit*. Percebe-se que dois itens ultrapassaram os valores máximos para a permanência na escala de 1,50. Tanto o item nove desse fator - *Quando me assusto, minhas mãos não param de tremer* - quanto o item oito - *Procuro me vingar quando tenho a chance* encontram-se com valores inaceitáveis, fazendo-se a ressalva que os números para o item oito são apenas limítrofes. Foi gerado então o mapa dos itens para a compreensão da distribuição (figura 5).

Nota-se uma boa distribuição acima da média do theta, que são os valores esperados para TPA, o que indica uma aplicabilidade da escala nesse contexto. Porém percebe-se que os itens problemáticos estão fornecendo informações em muito próximas dos demais itens, diminuindo sua importância na distribuição. A verificação da desordem nas categorias não apontou valores inesperados e os rótulos da escala foi considerado adequado. Foi gerado os dados sumarizados de pessoas e itens para a verificação empírica dos valores theta e da dificuldade, conforme a tabela 7.



SUMMARY OF 377 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL SCORE	COUNT	MEASURE	MODEL ERROR	INFIT		OUTFIT		
					MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	19.5	8.7	-.94	.43	1.00	-.1	1.02	.0	
S.D.	6.4	1.3	.92	.13	.63	1.3	.65	1.3	
MAX.	40.0	9.0	1.86	1.08	3.98	3.7	4.02	3.9	
MIN.	3.0	2.0	-3.65	.34	.00	-3.6	.00	-3.4	
REAL RMSE	.50	TRUE SD	.77	SEPARATION	1.55	PERSON RELIABILITY	.71		
MODEL RMSE	.45	TRUE SD	.80	SEPARATION	1.77	PERSON RELIABILITY	.76		
S.E. OF PERSON MEAN = .05									

	TOTAL SCORE	COUNT	MEASURE	MODEL ERROR	INFIT		OUTFIT		
					MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	823.1	368.8	.00	.06	1.05	.0	1.03	-.2	
S.D.	148.6	8.0	.58	.01	.34	4.3	.33	3.9	
MAX.	1026.0	381.0	1.25	.08	1.67	7.6	1.68	7.2	
MIN.	549.0	357.0	-.63	.06	.59	-6.5	.59	-6.2	
REAL RMSE	.07	TRUE SD	.57	SEPARATION	8.30	ITEM RELIABILITY	.99		
MODEL RMSE	.06	TRUE SD	.57	SEPARATION	9.03	ITEM RELIABILITY	.99		
S.E. OF ITEM MEAN = .20									

Tabela 7 – Parâmetros psicométricos para o Fator 3

*infit* e *outfit* intoleráveis, bem como conteúdo destoante dos demais. O item oito do Fator foi mantido por apresentar apenas valores limítrofes.

#### 4.1.3.4 Análise das propriedades psicométricas do Fator 4 - Confiança nas Pessoas com o uso do modelo de escalas graduadas

O fator 4 - Confiança nas pessoas repetiu os padrões dos dois primeiros fatores apresentando resultados adequados para *infit* e *outfit* conforme observado na tabela 8.

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MEASURE	MODEL S.E.	INFIT   MNSQ	OUTFIT   ZSTD   MNSQ	PT-MEASURE   CORR.	EXACT EXP.	MATCH   OBS%	ITEM
10	1066	360	1.01	.06	1.29	3.9   1.36	4.7   A .46	.61   35.8	38.7	n2197
6	1499	371	-.28	.06	1.26	3.2   1.14	1.6   B .51	.55   46.5	44.1	s3152
4	1542	391	-.16	.06	1.10	1.4   1.08	1.0   C .62	.57   41.3	42.4	s3151
5	1567	375	-.50	.07	1.09	1.1   .96	-.4   D .59	.53   45.2	46.1	s3160
2	1505	390	-.05	.06	1.07	1.0   1.05	.7   E .61	.58   44.3	42.0	s3111
8	1401	361	-.06	.06	1.02	.3   1.00	.0   e .53	.56   44.6	42.2	s3193
7	1514	359	-.55	.07	.99	.0   1.00	.0   d .53	.52   52.4	48.8	s3198
9	1651	370	-1.02	.08	.93	-.8   .82	-1.7   c .51	.47   60.1	58.3	s3173
3	1079	370	1.05	.05	.90	-1.4   .90	-1.4   b .56	.61   40.2	38.7	s3168
1	1263	376	.57	.05	.64	-6.1   .65	-5.7   a .68	.60   47.7	38.9	s3151
MEAN	1408.7	372.3	.00	.06	1.03	.3   1.00	-.1	45.8	44.0	
S.D.	194.3	10.7	.64	.01	.17	2.6   .18	2.5	6.4	5.7	

Tabela 8 – Itens do Fator 4 - Confiança *Infit* e *outfit*

Todos os valores de *infit* e *outfit* ficaram abaixo do escore limite de 1,50 sendo que os valores de *outfit* apresentaram um números ligeiramente superiores, variando de 1,36 à 0,65. A distribuição das categorias também se mostrou adequada respeitando os rótulos da escala e não exibindo nenhuma desordem.

O mapa da distribuição dos itens também se mostrou favorável para a análise do fator no contexto clínico haja vista que são esperados baixos escores de confiança nas pessoas em pacientes com TDA. A figura 6 contém as informações obtidas.

A extração das tabelas sumarizadas das pessoas e itens fornece algumas informações gerais dos *infit* e *outfit* obtidos e ajudaram a conclusão acerca da aplicabilidade desse fator no contexto do TPA (tabela 9). Observa-se que os valores do theta mínimo foram de -1,76 e máximo de 3,63, com a média em 0,92. Já a dificuldade variou de -1,02 à 1,05, valores abaixo da média do theta o que indica uma boa capacidade de mensuração dessa escala no contexto clínico pretendido. Os valores de Alpha de Crombach também obtiveram um resultado aceitável de 0,76.



SUMMARY OF 389 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL SCORE	COUNT	MEASURE	MODEL ERROR	INFIT		OUTFIT		
					MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	35.8	9.5	.92	.41	1.01	.0	1.00	.0	
S.D.	8.9	1.7	.85	.12	.61	1.3	.61	1.2	
MAX.	49.0	10.0	3.63	1.02	4.04	4.1	4.04	3.9	
MIN.	4.0	2.0	-1.76	.32	.00	-3.5	.00	-2.8	
REAL RMSE	.47	TRUE SD	.71	SEPARATION	1.50	PERSON RELIABILITY	.69		
MODEL RMSE	.43	TRUE SD	.74	SEPARATION	1.73	PERSON RELIABILITY	.75		
S.E. OF PERSON MEAN =	.04								
SUMMARY OF 10 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL SCORE	COUNT	MEASURE	MODEL ERROR	INFIT		OUTFIT		
					MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	1408.7	372.3	.00	.06	1.03	.3	1.00	-.1	
S.D.	194.3	10.7	.64	.01	.17	2.6	.18	2.5	
MAX.	1651.0	391.0	1.05	.08	1.29	3.9	1.36	4.7	
MIN.	1066.0	359.0	-1.02	.05	.64	-6.1	.65	-5.7	
REAL RMSE	.06	TRUE SD	.64	SEPARATION	9.99	ITEM RELIABILITY	.99		
MODEL RMSE	.06	TRUE SD	.64	SEPARATION	10.37	ITEM RELIABILITY	.99		
S.E. OF ITEM MEAN =	.21								

Tabela 9 – Parâmetros psicométricos para o Fator 4

#### 4.1.3.5 Análise das propriedades psicométricas do Fator 5 - Instabilidade Emocional com o uso do modelo de escalas graduadas

Dando prosseguimento às análises em TRI, foi extraído o sumário dos *infit* e *outfit* de cada item do fator 5 - Instabilidade Emocional. Os resultados demonstraram uma boa propriedade de avaliação com *infit* máximo de 1,37 e mínimo de 0,67. Para os *outfit* os resultados também foram favoráveis, com máxima de 1,29 e mínima de 0,66. O conjunto da análise manteve-se abaixo do valor de corte de 1,50 demonstrando uma adequação dos valores encontrados na amostra e a dificuldade dos itens. Na análise de correlação item-theta os todos os escores foram superiores a 0,30. A tabela 10 contem as informações sumarizadas.

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	TOTAL MEASURE	MODEL S. E.	INFIT MNSQ	OUTFIT ZSTD	PT-MEASURE MNSQ	EXACT CORR.	MATCH OBS%	ITEM			
4	856	358	.23	.05	1.37	4.8	1.29	3.6	.59	.55	26.5	35.3	n4i101
7	960	390	.15	.05	1.18	2.5	1.21	2.8	.52	.55	33.2	35.0	n1i7
10	931	391	.23	.05	1.10	1.5	1.17	2.2	.42	.54	37.0	35.4	n1i2
9	1269	358	-.81	.05	1.12	1.8	1.09	1.2	.59	.55	30.7	33.5	n4i112
8	1016	370	-.11	.05	1.07	1.1	1.08	1.1	.50	.56	32.2	32.6	n1i62
6	1006	392	.05	.05	1.99	-1.1	1.07	1.0	.49	.55	31.5	33.5	n4i18
3	1057	382	-.13	.05	1.00	.1	1.03	.5	.53	.56	32.0	32.5	n2i28
1	731	357	.59	.06	.83	-2.3	.76	-3.0	.69	.52	46.2	40.0	n4i103
5	873	357	.17	.05	.79	-3.2	.82	-2.6	.54	.55	44.3	35.0	e2i107
2	1190	390	-.38	.05	.67	-6.0	.66	-5.9	.65	.57	39.7	32.6	n2i6i
MEAN	988.9	374.5	.00	.05	1.01	.0	1.02	.1			35.3	34.5	
S. D.	150.5	15.1	.36	.00	.19	3.0	.19	2.8			6.0	2.1	

Tabela 10 – Itens do Fator 5 - Instabilidade Emocional *Infit* e *outfit*

Os resultados da distribuição dos itens, de acordo com a figura 7, revela uma sobreposição inesperada dos itens próximo a média do theta e uma ausência de mensuração no desvio padrão superior da distribuição da amostra. Tal resultado causa prejuízo para a correta medida do fator no contexto de TPA, além de significar uma sobrecarga de informação em thetas próximo a média.

Os rótulos das categorias se mostraram adequados para a avaliação do fenômeno no contexto da aplicação, tal conclusão é obtida através da ausência das desordens nas categorial. Já a extração dos dados sumarizados permite verificar empiricamente a má distribuição dos itens quanto a dificuldade no contexto geral (tabela 11. Enquanto a amostra teve uma variação de theta entre -2,50 à 2,39 a variação da dificuldade manteve-se entre -0,81 e 0,59, valores muito próximos da média de theta obtida de -0,30. Na precisão o



SUMMARY OF 393 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	25.1	9.5	-.30	.33	1.02	.0	1.01	.0	
S.D.	7.8	1.5	.65	.07	.54	1.3	.54	1.2	
MAX.	48.0	10.0	2.39	.73	3.57	3.5	3.44	3.5	
MIN.	4.0	2.0	-2.50	.28	.13	-3.4	.11	-3.4	
REAL RMSE	.37	TRUE SD	.54	SEPARATION	1.45	PERSON RELIABILITY	.68		
MODEL RMSE	.34	TRUE SD	.56	SEPARATION	1.68	PERSON RELIABILITY	.74		
S.E. OF PERSON MEAN	= .03								

SUMMARY OF 10 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	988.9	374.5	.00	.05	1.01	.0	1.02	.1	
S.D.	150.5	15.1	.36	.00	.19	3.0	.19	2.8	
MAX.	1269.0	392.0	.59	.06	1.37	4.8	1.29	3.6	
MIN.	731.0	357.0	-.81	.05	.67	-6.0	.66	-5.9	
REAL RMSE	.05	TRUE SD	.36	SEPARATION	6.87	ITEM RELIABILITY	.98		
MODEL RMSE	.05	TRUE SD	.36	SEPARATION	7.16	ITEM RELIABILITY	.98		
S.E. OF ITEM MEAN	= .12								

Tabela 11 – Parâmetros psicométricos para o Fator 5

#### 4.1.3.6 Análise das propriedades psicométricas do Fator 6 - Controle Emocional com o uso do modelo de escalas graduadas

Podemos averiguar, de acordo com a tabela 12, que os valores de *infit* estão abaixo do escore de 1,5, variando de 1,20 à 0,84. Os números do *outfit* mantem-se em uma variação próxima de 1,27 à 0,84. Na análise de correlação Item-Theta todos os dados indicaram números superiores a 0,47 mostrando propriedades adequadas. Foi observada uma pequena desordem no item 6, porém foi verificado que essa desordem foi causada devido a baixa incidência de respondentes para aquela categoria (inferior à 2%).

ENTRY	TOTAL	TOTAL		MODEL	INFIT	OUTFIT	PT-MEASURE	EXACT MATCH					
NUMBER	SCORE	COUNT	MEASURE	S.E.	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	CORR.	EXP.	OBS%	EXP%	ITEM
6	834	390	.71	.06	1.20	2.81	1.23	2.9	A .47	.60	38.8	42.6	n1120i
4	895	381	.43	.06	1.18	2.61	1.17	2.3	B .60	.60	38.9	39.0	n2134
5	1002	391	.18	.06	.97	-.5	.93	-1.0	C .68	.61	42.8	38.3	n219
1	1196	370	-.61	.06	.95	-.7	.96	-.5	c .64	.60	40.7	40.4	n2166i
3	1239	369	-.76	.06	.87	-1.9	.88	-1.7	b .55	.60	47.3	40.8	n2169i
2	962	361	.05	.06	.84	-2.5	.84	-2.3	a .67	.61	48.3	39.0	n2189i
MEAN	1021.3	377.0	.00	.06	1.00	.0	1.00	-.1			42.8	40.0	
S.D.	148.8	11.2	.53	.00	.14	2.1	.15	2.0			3.8	1.4	

Tabela 12 – Itens do Fator 6 - Controle Emocional *Infit* e *outfit*

Na saída do mapa de itens verificou-se que a variação foi adequada, embora a pequena quantidade de itens no fator possa prejudicar uma definição precisa de Controle Emocional em sujeitos com TPA. Essa dificuldade pode ser contornada com inclusão de mais itens no fator. Porém percebe-se uma distribuição em dois desvios padrão da amostra populacional, o que representa um avanço aos demais Fatores por compreender um espectro distante do TPA e, conseqüentemente, garantindo uma melhor distinção entre a amostra-geral e a amostra-alvo. A figura 8 contém o resultado da saída mapa dos itens.

Os dados sumarizados representam a distribuição obtida na análise do mapa de itens de forma quantitativa. No caso do Fator 6 - Controle emocional os índices mínimos de theta da amostra foram de -2,43 e máximo de 2,56, enquanto que os dados mínimos obtidos da dificuldade dos itens foram de -0,76 e máximos de 0,71 adequados para a medida média do theta de -0,36. O alpha foi apenas limítrofe, com o escore de 0,68, porém ainda precisos para a escala. (tabela 13)

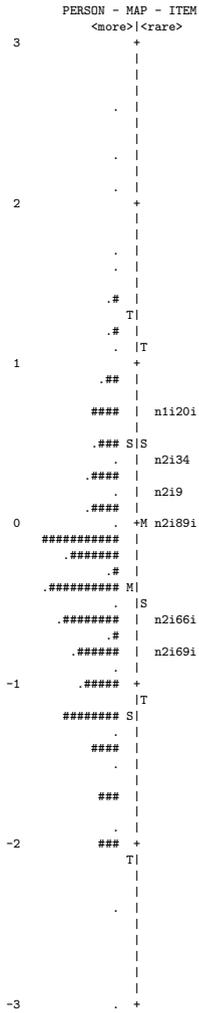


Figura 8 – Mapa da distribuição dos itens Fator 6

SUMMARY OF 394 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL		MODEL		INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	15.5	5.7	-.36	.48	1.00	-.1	1.01	-.1	
S.D.	4.7	.9	.85	.09	.79	1.3	.83	1.3	
MAX.	28.0	6.0	2.56	1.01	4.68	4.0	6.10	4.4	
MIN.	3.0	2.0	-2.43	.42	.05	-2.8	.05	-2.9	
REAL RMSE	.55	TRUE SD	.65	SEPARATION	1.18	PERSON RELIABILITY	.58		
MODEL RMSE	.49	TRUE SD	.70	SEPARATION	1.44	PERSON RELIABILITY	.67		
S.E. OF PERSON MEAN =	.04								
SUMMARY OF 6 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL		MODEL		INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	1021.3	377.0	.00	.06	1.00	.0	1.00	-.1	
S.D.	148.8	11.2	.53	.00	.14	2.1	.15	2.0	
MAX.	1239.0	391.0	.71	.06	1.20	2.8	1.23	2.9	
MIN.	834.0	361.0	-.76	.06	.84	-2.5	.84	-2.3	
REAL RMSE	.06	TRUE SD	.53	SEPARATION	8.93	ITEM RELIABILITY	.99		
MODEL RMSE	.06	TRUE SD	.53	SEPARATION	9.22	ITEM RELIABILITY	.99		
S.E. OF ITEM MEAN =	.24								

Tabela 13 – Parâmetros psicométricos para o Fator 6

#### 4.1.3.7 Análise das propriedades psicométricas do Fator 7 - Comunicação com o uso do modelo de escalas graduadas

As propriedades do Fator 7 seguiu o modelo proposto inicialmente e foi obtida através da análise de *infit* e *outfit*; análise do item-alpha; distribuição dos itens; distribuição das categorias e análise do theta médio e dificuldade dos itens. Para a extração dos valores de *infit* e *outfit* foi utilizado a saída resumida dos itens, conforme a tabela 14.

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MEASURE	MODEL		INFIT		OUTFIT		PT-MEASURE		EXACT MATCH		
				S.E.	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	CORR.	EXP.	OBS%	EXP%	ITEM	
5	1031	357	.50	.06	1.25	3.3	1.26	3.3	A .67	.71	42.1	42.1	e111041	
3	1163	370	.16	.06	.99	-.1	.97	-.4	B .72	.70	41.1	42.5	e1179	
4	1212	376	.04	.06	.95	-.8	.97	-.3	C .71	.70	45.1	42.5	e11411	
1	1404	381	-.59	.06	.96	-.5	.93	-.9	b .69	.68	50.1	45.0	e1139	
2	1203	360	-.10	.06	.83	-2.5	.85	-2.1	a .72	.69	51.4	42.5	e1194	
MEAN	1202.6	368.8	.00	.06	1.00	-.1	1.00	-.1			46.0	42.9		
S.D.	119.7	9.2	.36	.00	.14	1.9	.14	1.8			4.2	1.0		

Tabela 14 – Itens do Fator 7 - Comunicação *Infit* e *outfit*

A análise da saída da tabela 14 nos permite constatar que os valores de *infit* se mostraram adequados e inferiores a 1,50. Mais precisamente variaram de 1,25 à 0,83. Já os valores de *outfit* variaram de 1,26 à 0,85 e também se mostraram adequados para a amostra. No que tange a desordem das categorias, não foi constatado qualquer evidência significativa que sugerisse tal fato, portanto a escala foi julgada adequada para a mensuração do fenômeno e as categorias em ajuste evidente. Quando analisamos o item-alpha podemos perceber que todos os itens tiveram escores superiores à 0,67 e, portanto, adequados aos índices de corte.

Na análise do mapa de itens foi apurado uma boa distribuição dos itens, se considerarmos a quantidade, porém uma tendência aproximada com a média. Isso significa que uma maior quantidade de itens será necessária para adequar o Fator ao *continuum* existente de thetas. A extração obtida pelo análise do mapa de itens pode ser conferida na figura 9

A última saída gerada diz respeito a sumarização dos valores de theta e da dificuldade e pode ser encontrada na tabela 15. De acordo com os dados a variação do theta foi de -3,06 à 3,02 enquanto que a variação da dificuldade foi de -0,59 à 0,50. Conforme já esperado após o mapa dos itens a escala foi capaz de apenas mensurar thetas próximo a média, sendo adequado uma

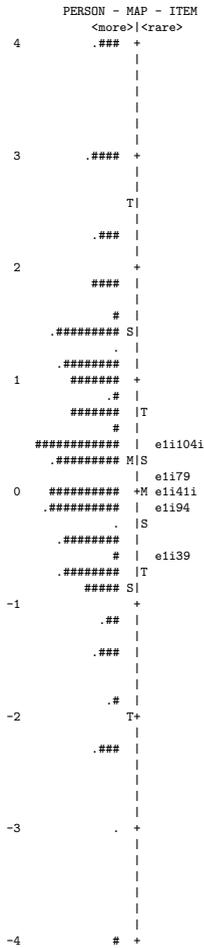


Figura 9 – Mapa da distribuição dos itens Fator 7

exploração maior do desvio padrão superior. Em contrapartida a precisão do fator foi boa, atingindo escores de 0,78.

SUMMARY OF 371 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	15.7	4.8	.32	.55	.99	-1	.99	-1	
S.D.	4.6	.7	1.12	.14	.79	1.3	.81	1.3	
MAX.	24.0	5.0	3.02	1.16	3.99	3.3	4.49	3.6	
MIN.	3.0	1.0	-3.06	.47	.00	-3.0	.00	-3.0	
REAL RMSE	.64	TRUE SD	.92	SEPARATION	1.44	PERSON RELIABILITY	.68		
MODEL RMSE	.57	TRUE SD	.97	SEPARATION	1.70	PERSON RELIABILITY	.74		
S.E. OF PERSON MEAN = .06									
SUMMARY OF 5 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	1202.6	368.8	.00	.06	1.00	-1	1.00	-1	
S.D.	119.7	9.2	.36	.00	.14	1.9	.14	1.8	
MAX.	1404.0	381.0	.50	.06	1.25	3.3	1.26	3.3	
MIN.	1031.0	357.0	-.59	.06	.83	-2.5	.85	-2.1	
REAL RMSE	.06	TRUE SD	.35	SEPARATION	5.62	ITEM RELIABILITY	.97		
MODEL RMSE	.06	TRUE SD	.35	SEPARATION	5.77	ITEM RELIABILITY	.97		
S.E. OF ITEM MEAN = .18									

Tabela 15 – Parâmetros psicométricos para o Fator 7

4.1.3.8 Análise das propriedades psicométricas do Fator 8 Antagonismo Social com o uso do modelo de escalas graduadas

As propriedades do Fator 8 - Antagonismo Social foram medidas na sequência. Repetiu-se o mesmo processo de análise, e produzida uma tabela sumário com os valores *infit* e *outfit* para a verificação da adequação e permanência dos itens, a tabela 16 contém as informações.

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MEASURE	MODEL S.E.	INFIT MNSQ	ZSTD	OUTFIT MNSQ	ZSTD	PT-MEASURE CORR.	EXACT EXP.	MATCH OBS%	ITEM	
9	1197	360	-.97	.051	1.32	4.4	1.36	4.6	1A .45	.58	29.7	31.8	s61861
8	828	381	.08	.051	1.10	1.5	1.16	1.9	1B .45	.50	37.4	36.3	e2138
2	1042	382	-.44	.051	1.07	1.1	1.13	1.9	1C .46	.56	31.7	32.8	n3133
6	839	392	.11	.051	1.12	1.7	1.11	1.4	1D .49	.52	36.3	36.5	n11171
7	836	370	-.03	.051	1.06	.9	1.09	1.1	1E .55	.51	30.8	34.6	s21671
3	830	369	-.02	.051	1.02	.3	.99	-.2	1d .56	.51	35.5	34.7	s11761
5	617	357	.58	.061	.79	-2.6	.99	-.1	1c .46	.43	56.8	45.6	s111021
1	816	382	.11	.051	.79	-3.3	.82	-2.3	1b .57	.49	39.4	36.5	e2131
4	635	369	.59	.061	.76	-3.0	.73	-3.0	1a .59	.42	57.9	47.4	s21771
MEAN	848.9	373.6	.00	.051	1.00	.1	1.04	.6			39.5	37.4	
S.D.	170.0	10.8	.45	.001	.18	2.4	.18	2.2			10.0	5.1	

Tabela 16 – Itens do Fator 8 - Antagonismo Social *Infit* e *outfit*

Os valores de *infit* máximos foram de 1,32 enquanto os de *outfit* máximos foram de 1,36, demonstrando que ambos quesitos estão em adequação segundo o critério adotado e devem ter seus itens preservados na escala. Ocorreu uma pequena desordem no item cinco do fator - *Busco realizar meus objetivos, mesmo que prejudique alguém.* - mas ele aconteceu devido a baixa incidência de respondentes para a categoria verificada, o que já era esperado por se tratar de um item extremo de avaliação, haja vista que a grande maioria das pessoas apontou que não concorda com essa afirmativa. A distribuição dos itens foi obtida através do mapa dos itens, que aparece na figura 10. Constatou-se uma distribuição muito próximo da média de theta e bastante sobreposta. Por outro lado, pode-se notar itens que avaliam os dois desvios padrão extremos da distribuição o que significa uma boa qualidade na distinção de incidência nos dois polos de Antagonismo Social.

A tabela sumarizada dos valores mínimo e máximo de theta e dificuldade indica que a dificuldade dos itens variou de -0,97 à 0,59 enquanto que o theta da amostra foi de -2,98 à 1,06 com média de -0,67. O que demonstra uma boa distribuição dos itens ao longo do espectro do theta, embora que os desvios padrão mais importantes sejam pouco avaliados. Os valores de pre-



SUMMARY OF 386 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL	COUNT	MEASURE	MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE			ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	19.7	8.6	-.67	.37	1.03	.0	1.02	.0	
S.D.	6.1	1.4	.66	.12	.61	1.3	.72	1.2	
MAX.	37.0	9.0	1.06	1.00	3.96	3.9	7.53	4.1	
MIN.	2.0	1.0	-2.98	.29	.00	-4.1	.00	-3.9	
REAL RMSE	.44	TRUE SD	.50	SEPARATION	1.13	PERSON RELIABILITY	.56		
MODEL RMSE	.39	TRUE SD	.53	SEPARATION	1.36	PERSON RELIABILITY	.65		
S.E. OF PERSON MEAN =	.03								
SUMMARY OF 9 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL	COUNT	MEASURE	MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE			ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	848.9	373.6	.00	.05	1.00	.1	1.04	.6	
S.D.	170.0	10.8	.45	.00	.18	2.4	.18	2.2	
MAX.	1197.0	392.0	.59	.06	1.32	4.4	1.36	4.6	
MIN.	617.0	357.0	-.97	.05	.76	-3.3	.73	-3.0	
REAL RMSE	.06	TRUE SD	.45	SEPARATION	8.14	ITEM RELIABILITY	.99		
MODEL RMSE	.05	TRUE SD	.45	SEPARATION	8.42	ITEM RELIABILITY	.99		
S.E. OF ITEM MEAN =	.16								

Tabela 17 – Parâmetros psicométricos para o Fator 8

#### 4.1.3.9 Análise das propriedades psicométricas do Fator 9 Agressividade com o uso do modelo de escalas graduadas

O último fator estudado pelo modelo de escalas graduadas foi o Fator 9 - Agressividade. Para ele os valores de *infit* e *outfit* se mostraram adequados, sendo todos inferiores a 1,50. A organização das categorias foi boa não tendo desordem de nenhuma ordem o que qualifica a escala escolhida para a mensuração do construto. Em se tratando da correlação item-theta foi observado valores acima de 0,30, significando uma relação preditiva entre a dificuldade do item e o theta do indivíduo (tabela 18).

ENTRY NUMBER	TOTAL SCORE	TOTAL COUNT	MEASURE	MODEL S.E.	INFIT MNSQ ZSTD	OUTFIT MNSQ ZSTD	PT-MEASURE CORR.	EXACT EXP.	MATCH OBS%	ITEM	
5	1181	368	-2.27	.06 1.14	1.8 1.29	3.1 A	.74	.79	40.7	43.9	n2 64
3	545	392	1.28	.10 1.27	2.3 1.01	1 B	.61	.62	76.2	73.5	n2 14
4	741	361	-.49	.07 1.09	1.1 1.05	5 C	.70	.71	51.2	49.7	n2 82
2	526	358	.82	.09  .81	-2.0  .86	-9 b	.65	.60	76.0	66.4	n2 117
1	576	374	.66	.09  .86	-1.5  .74	-2.2 a	.68	.62	73.0	64.8	n2 56
MEAN	713.8	370.6	.00	.08 1.03	.3  .99	.1			63.4	59.6	
S.D.	245.7	12.1	1.28	.01  .18	1.8  .19	1.8			14.7	11.1	

Tabela 18 – Itens do Fator 9 - Agressividade *Infit* e *outfit*

O mapa de itens apontou uma distribuição aceitável ao longo do espectro de theta da amostra. De fato os itens se posicionaram no extremo superior da distribuição, demonstrando um nível de dificuldade que exige altos valores de theta para um escore alto. Embora grande parte da amostra tenha se posicionado no extremo oposto tal configuração já era esperada, tendo em vista que itens como *Minhas discussões acabam em violência*. apresentam uma baixa variância na amostra não clínica. Os resultados do mapa de itens pode ser observado na figura 11

Para encerrar, a tabela contendo os resultados sumários de *infit* e *outfit* corroboram as análises extraídas do mapa de itens, por apresentarem resultados de thetas mínimo de -3.82 e máximos de 3.53, enquanto que os valores de dificuldades dos itens apresentaram níveis mínimos de -2,27 e máximos de 1,28. A precisão da escala atingiu valores limítrofes de 0,69 (tabela 19).

O fator 10 - Passividade contém apenas dois itens sendo desnecessária e não confiável a análise em TRI, para esse fator foram mantidas as análises apenas na TCT.

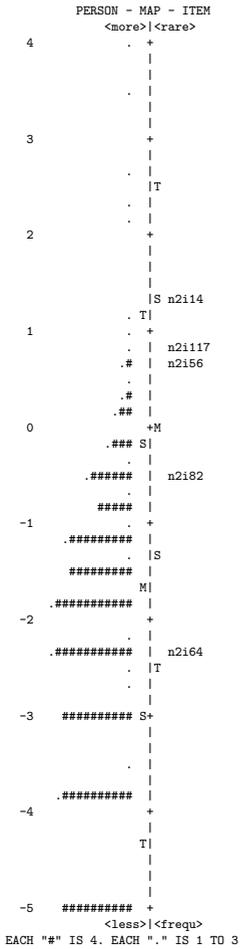


Figura 11 – Mapa da distribuição dos itens Fator 9

SUMMARY OF 352 MEASURED (NON-EXTREME) PERSON									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	9.7	4.8	-1.62	.72	.95	-.1	.99	.0	
S.D.	3.5	.7	1.38	.18	.98	1.1	1.18	1.1	
MAX.	24.0	5.0	3.53	1.18	6.98	3.9	7.34	4.7	
MIN.	2.0	1.0	-3.82	.52	.00	-2.7	.00	-2.2	
REAL RMSE	.83	TRUE SD	1.09	SEPARATION	1.31	PERSON RELIABILITY	.63		
MODEL RMSE	.74	TRUE SD	1.16	SEPARATION	1.56	PERSON RELIABILITY	.71		
S.E. OF PERSON MEAN = .07									

SUMMARY OF 5 MEASURED (NON-EXTREME) ITEM									
	TOTAL			MODEL	INFIT		OUTFIT		
	SCORE	COUNT	MEASURE	ERROR	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD	
MEAN	713.8	370.6	.00	.08	1.03	.3	.99	.1	
S.D.	245.7	12.1	1.28	.01	.18	1.8	.19	1.8	
MAX.	1181.0	392.0	1.28	.10	1.27	2.3	1.29	3.1	
MIN.	526.0	358.0	-2.27	.06	.81	-2.0	.74	-2.2	
REAL RMSE	.09	TRUE SD	1.27	SEPARATION	14.42	ITEM RELIABILITY	1.00		
MODEL RMSE	.08	TRUE SD	1.27	SEPARATION	15.17	ITEM RELIABILITY	1.00		
S.E. OF ITEM MEAN = .64									

Tabela 19 – Parâmetros psicométricos para o Fator 9

#### **4.1.4 Evidências de validade convergente e de construto relacionado**

Esta seção explicitará os estudos de validade convergente e de construto relacionado ao qual foi submetido IDPS. As etapas para a verificação dessas evidências de validade foram: tabela de correlação entre os fatores do IDCP e os fatores obtidos na análise fatorial do IDPS; regressão do modelo prototípico de TPA oriundos do IDCP aos fatores extraídos do IDPS. Tais análises visam relacionar os escores extraídos no instrumento em foco quanto a sua precisão de medida em comparação ao instrumento padrão ouro. Justifica-se o uso das expressões de validade convergente e de construto relacionado devido ao fato de nem todos os fatores do IDCP medirem o construto TPA porém estão relacionados de algum modo com a personalidade que, embora não seja objetivo do presente estudo sua mensuração, está conceitualmente intrinsecamente ligado ao TPA.

##### **4.1.4.1 Correlação entre os fatores**

No primeiro procedimento foram criadas variáveis do IDCP conforme a média dos escores em cada item por Fator dessa forma extraíndo valores numéricos. Essas variáveis foram correlacionadas, através do coeficiente de Pearson, aos 10 fatores extraídos na análise Fatorial e já previamente explicitados, levando-se em conta a natureza pareada da amostra. A tabela 20 contem as correlações entre os fatores seguidos dos valores de significância abaixo de cada correlação, para auxiliar a apreciação da tabela os valores que atingiram níveis de significância inferior a 0.05 foram marcados com um asterisco (\*).

		Fatores IDPS									
	Risco	Amabilidade	Impulsividade	Instabilidade	Controle	Comunicação	Antagonismo	Agressividade	Passividade	Confiança	
Fatores IDCP	Dependência	-0.0208 0.8296	0.1177 0.2207	0.1972* 0.0390	0.6157* 0.0000	-0.2595* 0.0062	-0.0985 0.3057	0.1494 0.1192	0.1050 0.2752	0.3765* 0.0001	-0.1896* 0.0473
	Agressividade	0.4826* 0.0000	-0.3574* 0.0001	0.3520* 0.0002	0.3460* 0.0002	-0.0087 0.9284	-0.0417 0.6652	0.5525* 0.0000	0.4537* 0.0000	-0.0475 0.6235	-0.4616* 0.0000
	Instabilidade	0.2195* 0.0212	-0.2129* 0.0255	0.4906* 0.0000	0.6640* 0.0000	-0.4411* 0.0000	-0.0162 0.8668	0.4569* 0.0000	0.4777* 0.0000	-0.0528 0.5858	-0.3938* 0.0000
	Excentricidade	0.3777* 0.0000	-0.2402* 0.0115	0.2376* 0.0125	0.4659* 0.0000	0.0171 0.8590	-0.1153 0.2304	0.3629* 0.0001	0.3045* 0.0012	-0.0621 0.5211	-0.4549* 0.0000
	Necessidade de Atenção	0.2840* 0.0026	0.0201 0.8349	0.3650* 0.0001	-0.0056 0.9538	0.0214 0.8245	0.6574* 0.0000	0.2568* 0.0068	0.1246 0.1946	0.0179 0.8531	0.0484 0.6155
	Desconfiança	0.0629 0.5178	0.0555 0.5685	0.0690 0.4782	0.3718* 0.0001	-0.0635 0.5138	-0.1676 0.0830	0.2762* 0.0038	0.1088 0.2623	0.0632 0.5176	-0.6572* 0.0000
	Grandiosidade	0.2851* 0.0025	-0.0581 0.5468	0.1910* 0.0456	0.2921* 0.0020	0.0033 0.9729	-0.0401 0.6777	0.4385* 0.0000	0.1635 0.0878	0.0046 0.9623	-0.3594* 0.0001
	Isolamento	0.3580* 0.0001	-0.2778* 0.0034	0.0656 0.4980	0.2836* 0.0028	0.1201 0.2135	-0.2796* 0.0032	0.3951* 0.0000	0.2966* 0.0017	-0.0522 0.5919	-0.3441* 0.0002
	Evitação	0.0978 0.3118	-0.0920 0.3412	-0.0170 0.8606	0.3816* 0.0000	0.0938 0.3321	-0.3570* 0.0001	0.2161* 0.0240	0.1047 0.2785	0.0479 0.6223	-0.4020* 0.0000
	Auto-sacrifício	0.2027* 0.0354	0.3883* 0.0000	0.2325* 0.0155	0.4344* 0.0000	-0.0436 0.6545	0.0497 0.6092	0.0478 0.6230	-0.0293 0.7633	0.1058 0.2780	-0.2095* 0.0296
	Conscienciosidade	-0.1715 0.0732	0.3311* 0.0004	-0.2872* 0.0023	0.1079 0.2619	-0.0397 0.6807	-0.1907* 0.0459	0.0028 0.9768	0.2241 0.2241	0.1226 0.2040	-0.1707 0.0745
	Impulsividade	0.5513* 0.0000	-0.4641* 0.0000	0.2489* 0.0087	0.1040 0.2794	0.0680 0.4801	0.1156 0.2292	0.4367* 0.0000	0.3519* 0.0002	-0.0145 0.8814	-0.2755* 0.0036

Tabela 20 – Correlação entre os fatores IDCP e IDPS

A tabela de correlações nos fornece uma série de informações pertinentes para a precisão do instrumento avaliado. Risco correlacionou positivamente, e com escores relativamente altos, com dois fatores da IDCP preditivos de TPA, agressividade ( $r=0,48$   $p\leq 0,01$ ) e impulsividade ( $r=0,55$   $p\leq 0,01$ ). Isso significa que pessoas com altos escores no Fator risco geralmente apresentaram altos escores em níveis de agressividade e impulsividade. O mesmo Fator impulsividade da IDCP, o mais importante no que tange o transtorno de personalidade segundo o próprio autor (CARVALHO, 2011), teve um resultado muito bom na correlação com os 10 Fatores da IDPS, apresentando resultados significativos em seis deles. Uma surpresa dos resultados é a baixa correlação entre a Impulsividade da IDCP e a Instabilidade Emocional da IDPS ( $r=0,10$   $p\leq 0,30$ ) tal ausência pode ser explicada devido a intensidade muito elevada dos itens da IDPS ou mesmo uma mensuração da Instabilidade Emocional mais vinculado a alternância súbita de humor regulado com Controle Emocional, no caso, na amostra em geral.

Outro dado interessante que pode ser destacado é a o fator Antagonismo, teoricamente um fator que apresentará sensibilidade na avaliação dimensional da TPA. Pode ser observado uma correlação positiva com o Fator Agressividade ( $r=0,55$   $p\leq 0,01$ ), Instabilidade ( $r=0,45$   $p\leq 0,01$ ) e Impulsividade ( $r=0,43$   $p\leq 0,01$ ), fatores altamente relacionados com o transtorno.

A alta, e previsível, correlação negativa entre os Fatores Confiança da IDPS e Desconfiança da IDCP ( $r=-0,65$   $p\leq 0,01$ ) além de também ser importante para entendermos o relacionamento do indivíduo com TPA e a sociedade em geral, fornece dados de relação de ambos fatores e da proximidade dos construtos estudados pelos instrumentos, ambos clínicos e, indiretamente, a personalidade como um todo.

A alta correlação entre o Fator Necessidade de Atenção e o fator do IDPS Comunicação ( $r=0,65$   $p\leq 0,01$ ) também precisa ser acentuada devido a definição estabelecida para as duas pesquisas, nesse ínterim a definição de Comunicação pode ser expandida abarcando uma interpretação mais ampla do construto.

#### **4.1.5 Evidência de validade de critério - Associação do protótipo de TPA e os fatores do IDPS**

No segundo estudo os fatores do IDCP foram aprofundados os estudos de correlação de Pearson através de uma análise de correspondência de protótipos. A noção norteadora nesse tipo de evidência de validade é a padronização dos resultados do critério padrão ouro (IDCP) com o construto que busca-se comparar. Em outro termos é realizado uma padronização dos

escores do IDCP com o que é encontrado na literatura como fatores preditivos de TPA.

Para realizar essa tarefa os escores de IDCP foram padronizados em um escore z e foi atribuído para cada Fator uma pontuação de -1, 0 ou +1 de acordo com a importância do fator para a preditividade do TPA (+1 Resultados elevados; 0 resultados neutros; -1 resultados reduzidos). Nessa estratégia variáveis com alta correlação com TPA, como é o caso de impulsividade, foi atribuído valor 1, em contrapartida variáveis onde indivíduos com TPA apresentam baixos escores como conscienciosidade foram atribuídos valores de -1 fatores com baixa relação com o construto receberam um valor nulo.

Em seguida os valores padronizados dos Fatores foram correlacionados com os valores atribuídos teoricamente a cada um, buscando-se a similaridade do respondente com essas categorias por meio de da semelhança do perfil da pessoa e o perfil típico (protótipo) para o determinado transtornos, ou seja, a correspondência prototípica.

Source	SS	df	MS	Number of obs = 109	
Model	5.82921846	10	.582921846	F( 10, 98) =	8.71
Residual	6.55806383	98	.066919019	Prob > F	= 0.0000
				R-squared	= 0.4706
				Adj R-squared	= 0.4166
				Root MSE	= .25869

r_prototipo	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
fr1_m	.0133038	.0354331	0.38	0.708	-.0570121 .0836197
fs2_m	-.2481259	.0508004	-4.88	0.000	-.3489448 -.1473071
fn3_m	.0641657	.0450223	1.43	0.157	-.0251795 .1535109
fs4_m	-.1882139	.0462241	-4.07	0.000	-.2799441 -.0964837
fn5_m	-.1011775	.0456246	-2.22	0.029	-.1917181 -.0106369
fn6_m	-.0497979	.046116	-1.08	0.283	-.1413136 -.0417179
fe7_m	-.0740663	.0317626	-2.33	0.022	-.1370981 -.0110344
fs8_m	-.023662	.0560545	0.42	0.674	-.0875763 .1349003
fs9_m_trans	-.0217608	.0947708	-0.23	0.819	-.2098302 .1663087
fen10_m	-.0631461	.0359444	-1.76	0.082	-.1344765 .0081844
_cons	2.17072	.4267267	5.09	0.000	1.323895 3.017545

Figura 12 – Modelo de Regressão 10 Fatores - TPA

Conforme apresentado na figura 12 pode-se perceber que os fatores extraídos do instrumento IDPS alcançaram um poder explicativo de 42% do protótipo de Transtorno de Personalidade Antissocial proveniente da IDCP ( $r^2_{ajustado}=0,4166$   $p \leq 0,01$ ). Nesse modelo é importante destacar os coeficientes de variância explicada alcançados. Percebe-se que o Fator Amabilidade alcançou o maior coeficiente de 2,08, ou seja, nessa extração Amabilidade foi o Fator com maior poder preditivo ao protótipo de TPA.

Para minimizar os valores de covariância entre os Fatores das variáveis independentes foi realizado um modelo de regressão múltipla *Stepwise*. Nesse método as caripaveis vão sendo inseridas no modelo por partes e nesse processo é avaliado o grau de covariância entre aquelas Fatores previamente presentes, caso ocorra uma covariância maior que 0,3 o Fator é excluído do modelo final. O resultado por ser observado na figura 13

```

begin with full model
p = 0.8189 >= 0.3000 removing fs9_m_trans
p = 0.7133 >= 0.3000 removing fs8_m
p = 0.6771 >= 0.3000 removing fri_m

```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 109	
Model	5.80523226	7	.829318895	F( 7, 101) =	12.73
Residual	6.58205003	101	.065168812	Prob > F =	0.0000
Total	12.3872823	108	.114697058	R-squared =	0.4686
				Adj R-squared =	0.4318
				Root MSE =	.25528

r_prototipo	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
fen10_m	-.0638307	.0351562	-1.82	0.072	-.1335712	.0059098
fs2_m	-.248163	.0432746	-5.73	0.000	-.3340082	-.1623179
fn3_m	.0621203	.0399203	1.56	0.123	-.017071	.1413115
fs4_m	-.1946205	.0435772	-4.47	0.000	-.281066	-.108175
fn5_m	-.1045927	.0437683	-2.39	0.019	-.1914172	-.0177681
fn6_m	-.0500704	.0454045	-1.10	0.273	-.1401407	.0399999
fe7_m	-.0746813	.031298	-2.39	0.019	-.1367681	-.0125944
_cons	2.299206	.3434631	6.69	0.000	1.617868	2.980544

Figura 13 – Modelo de Regressão 10 Fatores - Método *Stepwise*

A extração utilizando o método *stepwise* obteve um poder explicativo maior devido a redução de covariância dos fatores ( $r^2_{ajustado}=0.4318$   $p \leq 0,01$ ). Existe um ligeiro aumento nos coeficientes dos fatores mantidos no modelo e a exclusão de três fatores: Fator 8, Fator 1, e Fator 9 (aqui modificado para o log do fator nove, devido a distribuição não paramétrica da variável).

## 5 DISCUSSÃO

Essa seção da obra dedicará espaço para a discussão dos dados coletados bem e o aprofundamento dos conceitos já expostos nas etapas anteriores. Ao final da discussão espera-se esclarecer todos os pontos pendentes do projeto e verificar se os objetivos iniciais foram plenamente ou parcialmente cumpridos. A discussão acerca dos dados seguirá a mesma ordenação do exposto ao longo da dissertação.

Esse projeto teve por objetivo a construção de uma medida para avaliação dimensional dos critérios de transtorno de personalidade antisocial e, ao longo, da obra buscou-se demonstrar as propriedades psicométricas alcançadas, aplicações do estudo e suas limitações. Os critérios de diagnóstico referidos nos objetivos do projeto são advém da pesquisa da *American Psychiatric Association* junto com colaboradores do mundo inteiro, que auxiliaram a elaboração do DSM 5 (KRUEGER; MARKON, 2013).

Na época do amplo debate do novo DSM (DSM-5), ainda muito antes de sua publicação, especialistas e pesquisadores apresentaram várias sugestões ao novo modelo de diagnóstico dos Transtornos de Personalidade, assim como a abordagem de tratamento e o próprio olhar científico sobre o fenômeno. Ao analisarmos as sugestões propostas inicialmente (American Psychiatric Association APA, 2011), podemos observar algumas medidas que permearam os primórdios da mudança, como a quebra da divisão do DSM em eixos; a dimensionalidade dos transtornos de personalidade, em contraposição ao modelo categorial; por fim, a diminuição na quantidade de TPs.

Com a publicação do manual no final de 2013 pudemos observar uma série de avanços e recuos da Associação com as propostas que circundaram a construção do DSM. De fato, o sistema de eixos, conforme apresentada nos primeiros DSMs, não foi continuado. Isso ocorreu pelo fato de os eixos serem responsáveis por uma divisão artificial Transtornos de Personalidade e as demais patologias presentes no DSM. Essa ruptura jamais teve respaldo científico e era mantida devido a facilidade de comunicação entre os pares, visando mitigar a diferença de números de produções acadêmicas e o enfoque clínico entre os transtornos, pois, inicialmente, as pesquisas de transtornos de personalidade não eram tão aceitas em comparação ao resto das categorizações do DSM. Como essa diferença não é encontrada nos estudos atuais, o sistema multiaxial do DSM IV foi abandonado.

Embora o abandono do sistema multiaxial represente um avanço na forma de compreensão da saúde mental, o recuo inesperado quando a adoção do modelo dimensional pode ser visto como uma timidez exagerada no reco-

nhecimento dos estudos de TPs que permeiam a psicologia nas últimas três décadas. Embora não adotado no escopo principal do manual, um modelo de compreensão categorial-dimensional foi apresentado no anexo III do DSM. Esse modelo híbrido diminuiu a quantidade de transtornos de personalidade de 10 para 6, são eles: *Borderline*, obsessivo-compulsivo, evitativo, esquizotípico, narcisista e antissocial<sup>1</sup>.

No modelo alternativo o transtorno de personalidade é caracterizado pela deficiência no funcionamento da personalidade e a presença de traços patológicos característicos. Logo o diagnóstico das TPs no novo modelo exige dois processos distintos a serem adotados pelo clínico, primeiro a avaliação do funcionamento das características interpessoais e do *self*. Os elementos que compõe o juízo Interpessoal visam mensurar o espectro empático do sujeito (compreensão e aceitação do outro, tolerância) e íntimos (duração dos relacionamentos, proximidade com as pessoas). Já a composição do *self* se limita a avaliação da Identidade (estabilidade da auto-estima, capacidade de auto-regulação) e do direcionamento<sup>2</sup> (Planejamento, capacidade de cumprir metas). Embora o instrumento criado não foque os critérios A de diagnóstico, a inter-relação dos fatores medidos na IDPS e do exposto acima pode auxiliar o clínico em sua conjectura.

Mais próximos dos objetivos desse projeto o segundo critério, ou critério B, que visa elencar os traços disfuncionais da personalidade, apresenta um modelo muito próximo ao CGF, também composto por cinco fatores (Instabilidade Emocional, Desinteresse, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo)<sup>3</sup>. Pode-se perceber que se trata de uma opção pelo quadro disfuncional do desenvolvimento saudável dos cinco grandes fatores, com exceção do Fator Psicoticismo, próximo do fator abertura, porém mais relacionado ao posicionamento de Eysenck como características excêntricas e crenças inusuais.

De acordo com o DSM 5 o TPA seria caracterizado pela presença de ao menos seis dos sete traços patológicos da personalidade a seguir:

- Manipulação (faceta de Antagonismo) Uso frequente de subterfujos para influenciar outros.
- Indiferença (faceta de Antagonismo) Falta de afetabilidade com os sentimentos e problema dos outros.
- Desonestidade (faceta de Antagonismo) Tendência a comportamento desonesto, fraude, ou propensão a fala inverídica.

<sup>1</sup>Do inglês: *obsessive-compulsive*, *avoidant*, *schizotypal*, *narcissistic*, *antisocial*, em tradução livre

<sup>2</sup>Do inglês: *Self-Direction* em tradução livre

<sup>3</sup>Do inglês: *Negative Affectivity*, *Detachment Antagonism*, *Desinhibition* and *Psychoticism*

- Hostilidade (faceta de Antagonismo) Sentimento agressivo persistente ou frequente.
- Risco (faceta de Desinibição) Tendência ao engajamento em comportamento de risco ou potencialmente perigosos.
- Impulsividade (faceta de Desinibição) Disposição para ações impensadas ou não propriamente planejadas.
- Irresponsabilidade (faceta de Desinibição) Incapacidade do cumprimento de obrigações; desrespeito a leis e normas.

Da sete facetas três tem construtos idênticos ao da IDPS e definições potencialmente semelhantes (Hostilidade Impulsividade e Risco) um deles tem um vetor de medida antagônico (Indiferença - Amabilidade) e três deles podem ser avaliados pela combinação de um ou mais fatores (Manipulação - Antagonismo e Confiança; Desonestidade - Risco e Antagonismo; Irresponsabilidade Risco e Controle).

O fato de o instrumento ter construído com o embasamento do modelo dos Cinco Grandes fatores, mais especificamente os Fatores N, S e E) possibilitaram a extração de 10 fatores principais. Isso pode ser indicado como uma estratégia bem sucedida, pois buscou-se de fatores amplos agrupamentos mais significativos com o comportamento teórico de TPA. A ausência de um estudo de critério externo, como a aplicação em uma amostra alvo, impossibilita, porém, uma conclusão definitiva sobre as capacidades do instrumento. Deve-se salientar, também que alguns fatores extraídos apresentaram agrupamentos não pretendidos inicialmente.

O Fator Risco agrupou alguns itens originalmente criados para a avaliação de Socialização, mais especificamente de conflito com leis e normas. Exemplos como o item 32 *As melhores coisas são ilegais*, representam a afirmação. Uma das explicações, conforme exposto na análise fatorial, pode ser a alta magnitude adotada nos itens de Busca por Sensações que trouxeram características conflitivas com a norma. Outra explicação pode ser a alta carga volitiva presente nos itens de conflito com a lei, aproximando ao efeito subjetivo de prazer pela insubordinação e a carga emocional de novas sensações. Quando observado a análise nos cinco fatores a presença dos itens de Abertura em uma correlação com os demais hipótese de alta magnitude dos itens.

Os parâmetros psicométricos investigados pelo modelo de escalas graduadas indicaram uma boa distribuição para o Fator Risco, este apresentou o melhor resultado em termos de distribuição ao longo do *continuum* de theta das das pessoas avaliando de forma ampla os níveis mais altos, e portanto mais comuns em TPA. Outro fator que merece destaque na análise do modelo de escalas graduadas é o Fator Impulsividade, o único a perder um item nas

análises de *infit* e *outfit*. A escolha pela retirada do item ocorreu pelo fato do mesmo tratar de um conteúdo originalmente criado para avaliar capacidade de controle de emoções, uma das características do neuroticismo, e o mesmo foi agrupado junto ao Fator Impulsividade. De fato, desde a extração dos fatores o item se mostrou deslocado e já era esperado um *outfit* muito acima. Sugere-se nesse caso uma reformulação do item removido para análises futuras, pois a presença dele na extração podem indicar características de controle em correlação negativa com o Fator impulsividade, possivelmente como regulando os desejos do sujeito.

Para a grande maioria dos casos os valores de *infit* e *outfit* variaram de 0,70 à 1,10 o que indicam que os ajustes dos itens foi adequado. Nenhuma correlação item-theta abaixo do valor limite de 0,30 foi mais uma indicação da adequação psicométrica dos itens. Os desajustes irrelevantes das categorias indicam que a escala em cinco pontos mostrou-se adequado para os propósitos da pesquisa, muito embora diversos modelos atuais tem empregados escalas com um espectro de avaliação maior. Uma aplicação em público clínico pode auxiliar a conclusão sobre as capacidades da escala na medida, afinal espera-se deles uma variância maior, haja vista, que em itens extremados ocorreram alta predominância de apenas uma resposta.

O mapa de itens fornece informações de suma importância para a avaliação da necessidade de inclusão de novos itens. Nesse quesito vários fatores apresentaram necessidade de expansão, principalmente os que foram extraídos com poucos itens, como é o caso de Comunicação e Agressiva de, salientando que destes o Fator agressividade é um preditivo mais importante do que Comunicação. A ausência da construção de itens de Realização e a grande quantidade de itens removidos justifica a extração tão diminuta. Embora os critérios para a exclusão dos itens inicialmente pelo alto valor de *Uniqueness* sejam fidedignos a baixa correlação desses itens no modelo sugerem uma reformulação do seu conteúdo ou uma diminuição na magnitude da avaliação o que tornaria o processo de reinclusão mais simplificado.

Sobre as evidencias de validade em relação a outras variáveis a correlação entre IDPS e o IDCP apresentaram escores satisfatórios. As correlações entre Impulsividade e agressividade quando comparados ao Fator Risco. Os níveis elevados de correlações indicam que as dimensionalidades que permeia o fator Risco podem compor também os construtos Impulsividade e Agressividade na IDCP, sendo a primeira um fator apontado pelo próprio autor como preditiva da TPA (CARVALHO, 2011)

O modelo de análise de protótipo indicou um alto coeficiente preditivo entre o Fator amabilidade (nesse caso invertido) e Impulsividade para os critérios teóricos de escores de personalidade. Sendo considerado o valor explicado alcançado pelo modelo de 42% um número elevado e adequado para

a satisfação da precisão do material.

Widiger e Costa (2013) apontam que algumas facetas do *Big Five* mais indicativas, ou com potencial de identificação, do TPA. Dentre elas podemos destacar: Altos escores em Hostilidade e Impulsividade no Fator Neuroticismo; Altos valores em Busca por Sensações acompanhados de baixos escores em Acolhimento componentes do Fator Extroversão; Baixos Valores em todas as facetas de Socialização.

Pode-se notar que através desse critério teórico os Fatores extraídos do IDPS se aproximam na totalidade os Fatores apontados por Widiger. Deve-se salientar que essa aproximação teórica foi a indicada desde o início do projeto e necessita de estudos de evidências de validade de construtos relacionado para a verificação empírica dessas características. Embora os resultados dos estudos comparativos entre IDPS e IDCP representam uma adequada evidência de validade de critério, indicando elevado o poder preditivo do IDPS para a identificação do nível de proximidade de indivíduos com o protótipo de ATS.

Analisando, ainda, os resultados dos fatores preditivos das dimensões de TPA, observa-se que nem todos os Fatores permaneceram no modelo final, e dentre aqueles, destaca-se o Fator de Amabilidade com o maior poder preditivo para o protótipo de TPA. Esse não é um resultado surpreendente, pois dentre os comportamentos característicos de TPA a baixa afetabilidade com aqueles que cercam reflete uma conduta única e extremamente distintiva da população em geral. Deve-se salientar, no entanto, que esse modelo reflete apenas o protótipo extraído do IDCP e carece de uma abordagem experimental para a verificação dos coeficientes extraídos.

Sobre a exclusão de fatores no modelo de regressão é importante destacar que esse evento ocorre devido a alta correlação entre os fatores, motivo também da decisão de que rotação adotar na Análise Fatorial. Deve-se compreender que na regressão as variâncias são explicadas conforme indicativo do pesquisador e dessa forma caso ocorra uma grande variância já explicada pela variável já presente no modelo ela é eliminada do modelo final.



## 6 CONCLUSÃO

Ao final do projeto observa-se que o fenômeno do Transtorno Antissocial e todo o conceito de Transtorno de personalidade avançou nas últimas décadas, culminando com a mudança de paradigma do DSM 5. Se as alterações no âmbito político ainda não foram as esperadas, no âmbito científico a produção de conhecimento do tema ganha cada vez mais repercussão e novas teorias explicativas, assim como desenvolvimento tecnológico para a avaliação dos instrumentos e, conseqüentemente, adequação destes a mensuração do fenômeno.

Cabe destacar que o desenvolvimento de instrumentos no âmbito pericial também vem encontrando espaço nos estudos de personalidade antissocial na atualidade e o material produzido nesse projeto pode auxiliar na identificação de fenômenos psicológicos que apresentam comportamento inusual nesse transtorno. Dessa forma instrumentos de diferentes naturezas podem contribuir para a ampliação do conhecimento frente as mudanças conceituais sobre a natureza da psicopatologia referida e conseqüente tratamento.

Em se tratando do instrumento criado, percebe-se que o objetivo principal e objetivos específicos do projeto foram plenamente atingidos, gerando resultados satisfatórios para o instrumento de medida. Porém algumas considerações devem ser feitas, principalmente no que tange a amostra pesquisada. Espera-se que no futuro o IDPS possa ser aplicado em outros contextos e, principalmente, na amostra com transtorno de personalidade previamente identificado. Essa aplicação pode seguir a estratégia inicial adotada para o estudo, como a coleta de dados em centro de reabilitação de dependência química e em instituições abrigo indivíduos em conflito com a lei.

Uma aplicação nesses contextos pode auxiliar a compreensão do desdobramento do fenômeno em ambientes onde a incidência dele é maior. A sobreposição de indivíduos com TPA em um ambiente confinado podem gerar uma gama de conflitos exclusivos, bem como uma intensificação dos fatores identificados nesse estudos, o que auxiliaria na reverberação e captação dessas mudanças através do instrumento de medida.

Visando as evidências de validade em relação a outros variáveis, a aplicação do IDPS em paralelo ao IDCP apresentou um problema não equacionado no método do projeto, a alta demanda de tempo para aplicação. Surpreendentemente a alta magnitude dos itens obtiveram uma grande mobilização do público alvo que por várias vezes alteraram a resposta final. Isso aumentou o tempo de aplicação, o que desestimulou muitos sujeitos para a completude da tarefa. Nesse princípio a aplicação por meio do *Concerto Platform* fornece uma possível diminuição desse problema tendo em vista que

a aplicação se dá em partes e evidências apontam que o construto Personalidade obtêm pouca variação em um curto espaço de tempo (LENZENWEGER, 1999; MULLINS-SWEATT; LENGEL, 2012).

A mensuração através do *Concerto Platform* ofereceu alguns benefícios adicionais intensificando a variabilidade da amostra, haja vista a facilidade de divulgação e controle dos indivíduos pesquisados. A alta divulgação permitiu que a amostra pudesse variar em termos de faixa etária e localidade, algo difícil de se obter quando na aplicação em universidades.

A aplicação virtual também apresenta algumas dificuldades adicionais como a normatização da aplicação, porém no contexto da avaliação psicométrica da personalidade o uso de testes computadorizados já é uma tendência e vem encontrando respaldos científicos salutares (MENENDEZ et al., 2013; SIMMS; CLARK, 2005). A possibilidade de itens da IDPS serem anexados a bancos de itens de testes adaptativos, também nos parece uma medida plausível, uma vez que as dificuldades dos itens apresentadas na análise do modelo de escalas graduadas se mostraram adequadas.

Segundo a contribuição social dessa pesquisa, espera-se que o produto final, a escala IDPS possa contribuir para o avanço na compreensão e no diagnóstico da TPA em uma perspectiva dimensional, assim como mitigar as eventuais dificuldades de adaptação ao modelo categorial-dimensional proposto no DSM 5, nesse sentido salienta-se que no futuro o modelo seja aprofundado e utilizado como processo padrão para a compreensão do fenômeno e não como alternativo.

No meio científico espera-se que o projeto contribua para o aperfeiçoamento de técnicas relativamente recentes, bem como a ampliação dos estudos psicométricos no Programa de Pós Graduação de Psicologia - UFSC. Com base nesses avanços espera-se que os estudos gerem publicações vindouras e associações com outros laboratório no âmbito nacional e internacional.

Recomenda-se, por fim, que esse instrumento seja avaliado em comparação a outros instrumentos já desenvolvidos bem como aplicado em uma validade de critério externo em pacientes já diagnosticados com TPA e a população em geral. No que tange os instrumentos recomenda-se estudo com o material em processo de adaptação no Brasil PID-5. Instrumento desenvolvido pela APA visando, justamente, avaliar os Transtornos Mentais de acordo com os critérios categóricos-dimensionais do DSM 5.

## REFERÊNCIAS

ADELSTEIN, J. S. et al. Personality is reflected in the brain's intrinsic functional architecture. **PloS one**, v. 6, n. 11, p. e27633, jan. 2011. ISSN 1932-6203.

ALLPORT, G. W. **Personality: a psychological interpretation**. [S.l.]: H. Holt and Company, 1937. 588 p.

ALLPORT, G. W. **Personalidade Padrões e Desenvolvimento**. Sao Paulo: Editora Herder, 1966. 721 p.

ALLPORT, G. W. **Desenvolvimento d a Personalidade**. 3<sup>â</sup>a. ed. Sao Paulo: Editora Herder, 1970.

ALVARENGA, M.; FLORES-MENDOZA, C.; GONTIJO, D. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antissocial. **J. bras. Psiquiatr**, n. 31, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v58n4/a07v58n4.pdf>>.

American Educational Research Association. **AERA: Standard for Educational and Psychological Testing**. Washington, DC: American Educational Research Association, 1999.

American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 4th Edition, Text Revision (DSM-IV-TR)**. [S.l.]: American Psychiatric Association, 2000. 943 p. ISBN 0890420254.

American Psychiatric Association APA. **Psychiatric Update: American Psychiatric Association Annual Review**. [s.n.], 1986. ISBN 0880482400. Disponível em: <<http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=1DHbFLChUxYC&pgis=1>>.

American Psychiatric Association APA. **Proposed Revised**. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://www.dsm5.org/ProposedRevisions/Pages/PersonalityandPersonalityDisorders.aspx>>.

American Psychological Association APA. **Dicionário de Psicologia - APA**. Porto Alegre: ARTMED, 2010. 1040 p. ISBN 8536321075.

ARRIGO, B. A. The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, v. 45, n. 3, p. 325–344, jun. 2001. ISSN

0306-624X. Disponível em:  
<<http://ijo.sagepub.com/content/45/3/325.short>>.

ASSOCIATION, A. P. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th Edition: DSM-5**. [S.l.]: American Psychiatric Publishing, 2013. 991 p. ISBN 0890425558.

BALBINOTTI, M. A. **Inventário Tipológico de Interesses Profissionais**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

BARTHOLOMEU, D.; NUNES, C. H. S. d. S.; MACHADO, A. A. Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. **PsicoUSF**, n. 1975, p. 41–50, 2008. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712008000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000100006)>.

BERRIOS, G. E. J.C. Prichard and the concept of "moral insanity". Classic text no.37. **History of psychiatry**, v. 10, n. 37, p. 111–26, mar. 1999. ISSN 0957-154X. Disponível em:  
<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11623816>>.

CAMPOS, R. N.; CAMPOS, J. a. A. d. O.; SANCHES, M. A evolução histórica dos conceitos de transtorno de humor e transtorno de personalidade: problemas no diagnóstico diferencial. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 37, n. 4, p. 162–166, 2010. ISSN 0101-6083. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832010000400004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000400004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

CARVALHO, L. d. F. **Construção e validação do inventário dimensional dos transtornos de personalidade (Unpublished Dissertação de mestrado)**. Tese (Doutorado) — Universidade São Francisco, Itatiba, 2008.

CARVALHO, L. d. F. **Desenvolvimento e verificação das propriedades psicométricas do inventário dimensional clínico da personalidade**. Tese (Tese) — São Francisco, 2011.

CATTELL, R. B. **Personality: a systematic theoretical and factual study**. Universidade da Califórnia: McGraw-Hill, 1950. 689 p.

Chico Librán, E. Personality dimensions and subjective well-being. **The Spanish journal of psychology**, v. 9, n. 1, p. 38–44, maio 2006. ISSN 1138-7416. Disponível em:  
<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16673621>>.

COSTA, P. T.; MCCRAE, R. R. Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: happy and unhappy people. **Journal of personality and social psychology**, v. 38, n. 4, p. 668–78, abr. 1980. ISSN 0022-3514. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7381680>>.

COSTA, P. T. J.; MCCRAE, R. R. **Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and Five Factor Inventory (NEO-FFI) - Manual técnico**. São Paulo: Vetor, 2007.

Costa, Paul T., J.; WIDIGER, T. A. **Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality**. American Psychological Association (APA), 2002. 493 p. ISBN 1557988269. Disponível em: <<http://www.amazon.com/Personality-Disorders-Five-Factor-Model/dp/1557988269>>.

De Raad, B. **The Big Five Personality Factors: The psycholexical approach to personality**. Ahland: Hogrefe & Huber Publishers, 2000.

DECUYPER, M.; PAUW, S. D. A meta analysis of psychopathy antisocial PD and FFM associations. **European Journal of ...**, v. 565, n. June, p. 531–565, 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/per.729/abstract>>.

DEL-BEN, C. Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 32, n. 016, p. 27–36, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n1/24019.pdf>>.

Del Prette, A.; Del Prette, Z. A. **Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes: manual de aplicação, apuração e interpretação**. Sao Paulo: Casa do Psicólogo, 77. 2009 p.

DENEVE, K. M.; COOPER, H. The happy personality: a meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. **Psychological bulletin**, v. 124, n. 2, p. 197–229, set. 1998. ISSN 0033-2909. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9747186>>.

Di Nubila, H. B. V.; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 11, n. 2, p. 324–335, jun. 2008. ISSN 1415-790X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-790X2008000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

DIENER, E.; LUCAS, R. E. Personality and subjective well-being. In: **Well-being: The foundations of hedonic psychology**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 593.

FILHO, N. H. **Teoria e avaliação da personalidade psicopática: construção e evidências de validade de um instrumento de autorrelato para uso na população geral**. Tese (Tese de doutorado) — UFRGS, 2013.

FRIEDMAN, H. S.; SCHUSTACK, M. W. **Teorias da Personalidade**. 3<sup>ª</sup> ed. Sao Paulo: Pearson Education do Brasil, 2004. ISBN 978-85-87918-50-5.

FRIEDMAN, H. S.; SCHUSTACK, M. W. **Teorias da personalidade: da teoria clássica à pesquisa moderna**. 2 edition. ed. [S.l.]: Pearson Makron Books, 2004. ISBN 8587918508.

HARE, R. D.; NEUMANN, C. S. Psychopathy: assessment and forensic implications. **Canadian journal of psychiatry. Revue canadienne de psychiatrie**, v. 54, n. 12, p. 791–802, dez. 2009. ISSN 1497-0015.  
Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20047718>>.

HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, n. 2, p. 285–302, jun. 2009. ISSN 1415-4714. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142009000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

HUTZ, C. S. et al. O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 395–411, 1998. ISSN 0102-7972.

ITO, P. d. C. P.; GOBITTA, M.; GUZZO, R. S. L. Temperamento, neuroticismo e auto-estima: estudo preliminar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 2, p. 143–153, jun. 2007. ISSN 0103-166X.  
Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2007000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

KAISER, H. F. The application of electronic computers to factor analysis. **Educational and Psychological Measurement**, v. 20, 1960.

KELLY, E. L.; FISKE, D. W. **The prediction of performance in clinical psychology**. Ann Arbor: Mi: University of Michigan Press., 1951.

KRUEGER, R. F.; MARKON, K. E. The Role of the DSM-5 Personality Trait Model in Moving Toward a Quantitative and Empirically Based Approach to Classifying Personality and Psychopathology. **Annual review of clinical psychology**, n. November 2013, dez. 2013. ISSN 1548-5951. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24329179>>.

LENZENWEGER, M. F. Stability and Change in Personality Disorder Features. **ARCH GEN PSYCHIATRY**, v. 56, 1999.

LINACRE, J. M. **Winsteps Rasch measurement computer programm**. Beaverton, Oregon: Winsteps.com, 2013.

LINACRE, J. M. **Winsteps (Version 3.80.0) [Computer Software]**. Beaverton, Oregon: Winsteps.com, 2013. Disponível em: <<http://www.winsteps.com/>>.

MACPHERSON, J. **Mental Affections: An Introduction to the Study of Insanity**. [S.l.]: Kessinger Publishing, LLC, 1889. 380 p. ISBN 1432510312.

MARTIN, K. M.; SPERLING, A. P. **Introdução à Psicologia**. [S.l.]: Cengage Learning Editores, 1999.

MATTHEWS, G.; DEARY, I. J.; WHITEMAN, M. C. **Personality Traits**. Cambridge University Press, 2003. 493 p. ISBN 0521538246. Disponível em: <[http://books.google.com/books?id=BqFH\\_Xlq0yYC&pgis=1](http://books.google.com/books?id=BqFH_Xlq0yYC&pgis=1)>.

MAUSS, M.; HALLS, W. D. **A Category of the Human Mind: The Notion of Person; the Notion of Self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Personality trait structure as a human universal. **The American psychologist**, v. 52, n. 5, p. 509–16, maio 1997. ISSN 0003-066X. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9145021>>.

MCCRAE, R. R.; JOHN, O. P. An Introduction to the Five-Factor Model and Its Applications. **Journal of Personality**, v. 60, n. 2, p. 175–215, jun. 1992. ISSN 0022-3506. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x>>.

MENENDEZ, M. E. et al. Computerized adaptive testing of psychological factors: relation to upper-extremity disability. **The Journal of bone and joint surgery. American volume**, v. 95, n. 20, p. e149, out. 2013. ISSN 1535-1386. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24132364>>.

MILLER, J. D.; LYNAM, D. R. Structural Models Of Personality And Their Relation To Antisocial Behavior: A Meta-Analytic Review. **Criminology**, v. 39, n. 4, p. 765–798, nov. 2001. ISSN 0011-1384. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/j.1745-9125.2001.tb00940.x>>.

MILLER, J. D.; LYNAM, D. R. Dependent personality disorder: comparing an expert generated and empirically derived five-factor model personality disorder count. **Assessment**, v. 15, n. 1, p. 4–15, mar. 2008. ISSN 1073-1911. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18258728>>.

MILLON, T.; DAVIS, R. D. **Disorders of personality: DSM-IV and beyond**. [S.l.: s.n.], 1996.

MÔNEGO, B. G.; TEODORO, M. L. M.; CASAL, R. D. A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. **Psico-USF (Impresso)**, v. 16, n. 1, p. 97–105, abr. 2011. ISSN 1413-8271. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712011000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

MULLINS-SWEATT, S. N.; LENGEL, G. J. Clinical utility of the Five-Factor Model of personality disorder. **Journal of personality**, v. 80, n. 6, p. 1615–39, dez. 2012. ISSN 1467-6494. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22321379>>.

NATIVIDADE, J. C. et al. Fatores de personalidade como preditores do consumo de álcool por estudantes universitários. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 6, p. 1091–1100, jun. 2012. ISSN 0102-311X.

NUNES, C. H. S. d. S. **Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores (Unpublished Tese de Doutorado)**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

NUNES, C. H. S. d. S.; HUTZ, C. S. Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. **Psico-USF (Impresso)**, v. 11, n. 2, p. 147–155, dez. 2006. ISSN 1413-8271.

NUNES, C. H. S. d. S.; HUTZ, C. S. Construção e validação da escala fatorial de Socialização no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 20–25, 2007. ISSN 0102-7972.

NUNES, C. H. S. d. S.; HUTZ, C. S.; NUNES, M. F. O. **Bateria Fatorial de Personalidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. ISBN 978-8562-556-264.

NUNES, L. M. **Sobre a psicopatia e sua avaliação**. 2011. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/705/537>>.

NUNES, M. F. O.; NORONHA, A. P. P. Relações entre interesses, personalidade e habilidades cognitivas: um estudo com adolescentes. **Psico-USF (Impresso)**, v. 14, n. 2, p. 131–141, ago. 2009. ISSN 1413-8271. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712009000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

NUTTIN, J. **A Estrutura da Personalidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

PASQUALI, L. **Instrumentos Psicológicos: Manual Prático de Elaboração**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. 3 edição. ed. [S.l.]: Vozes, 2003. 397 p. ISBN 8532628893.

PASQUALI, L. **Análise fatorial para pesquisadores**. Brasília: LabPAM, 2012. ISBN 978-85-65091-00-8.

POULSEN, F. **Etruscan Tomb Paintings - Their Subjects And Significance**. Clarendon. Oxford: [s.n.], 1922. Disponível em: <<https://archive.org/details/etruscantombpain00poul>>.

RABELO, I. S. A. et al. Aplicação das escalas de personalidade EFS e EFEx no contexto organizacional. **Avaliação ...**, v. 8, n. 1, p. 109–117, 2009. ISSN 1677-0471. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712009000100010&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712009000100010&script=sci_arttext)>.

REBELO, A.; LEAL, I. Factores de personalidade e comportamento alimentar em mulheres portuguesas com obesidade mórbida: Estudo exploratório. **Análise Psicológica**, v. 3, p. 467–477, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312007000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312007000300012&script=sci_arttext)>.

ROECKELEIN, J. E. **Dictionary of Theories, Laws, and Concepts in Psychology**. Greenwood Publishing Group, 1998. 548 p. ISBN 0313304602. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=6mu3DLkyGfUC&pgis=1>>.

SCHROEDER, M. L.; WORMWORTH, J. A.; LIVESLEY, W. J.

**Dimensions of personality disorder and their relationships to the Big Five dimensions of personality.** 1992. 47–53 p. Disponível em:

<<http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1992-27588-001>

<http://www.mendeley.com/research/dimensions-personality-disorder-relationships-big-five-dimensions-personality/>>.

SIMMS, L. J.; CLARK, L. A. Validation of a computerized adaptive version of the Schedule for Nonadaptive and Adaptive Personality (SNAP).

**Psychological assessment**, v. 17, n. 1, p. 28–43, mar. 2005. ISSN

1040-3590. Disponível em:

<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15769226>>.

SKODOL, A. E. et al. Proposed changes in personality and personality disorder assessment and diagnosis for DSM-5 Part I: Description and rationale. **Personality disorders**, v. 2, n. 1, p. 4–22, jan. 2011. ISSN

1949-2723. Disponível em:

<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22448687>>.

Stata Statistical Software: Release 12. **StataCorp.** College Station, TX: StataCorp LP, 2011.

TUPES, E. C.; CHRISTAL, R. E. Recurrent Personality Factors Based on Trait Ratings. **Journal of Personality**, v. 60, n. 2, p. 225–251, jun. 1992.

ISSN 0022-3506. Disponível em:

<<http://doi.wiley.com/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00973.x>>.

VALENTINI, F.; TEODORO, M. L. M.; BALBINOTTI, M. A. A. Relações entre interesses vocacionais e fatores de personalidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 2, p. 57–68, 2009. ISSN 1679-3390.

Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902009000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>.

VASCONCELLOS, S.; HUTZ, C. Construção e validação de uma escala de abertura à experiência. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 2, p. 135–141, 2008.

Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712008000200004&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712008000200004&script=sci_arttext&tlng=es)>.

WIDIGER, T. A. A shaky future for personality disorders. **Personality**

**disorders**, v. 2, n. 1, p. 54–67, jan. 2011. ISSN 1949-2723. Disponível em:

<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22448690>>.

WIDIGER, T. A.; COSTA, P. T. J. **Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality**. 3<sup>ª</sup> ed. ed. American Psychological Association, 2013. 496 p. ISBN 1433811669. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=pPUxugAACAAJ&pgis=1>>.

WILLIAMS, P. G.; MOROZ, T. L. Personality vulnerability to stress-related sleep disruption: Pathways to adverse mental and physical health outcomes. **Personality and Individual Differences**, Elsevier Ltd, v. 46, n. 5-6, p. 598–603, abr. 2009. ISSN 01918869. Disponível em: <<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0191886908004777>>.

ZANON, C. et al. Relações entre pensamento ruminativo e facetas do neuroticismo. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, n. 2, p. 173–181, jun. 2012. ISSN 0103-166X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2012000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>.



## **APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**



## **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Projeto: Construção e validação de uma bateria para a avaliação da personalidade com aplicação adaptativa computadorizada

Esta pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de um teste informatizado para avaliação da personalidade no Brasil. Para participar, você deverá responder algumas perguntas que descrevem situações do cotidiano e quais são suas reações comuns frente a elas. Este projeto segue as exigências e cuidados éticos para a realização de pesquisas com seres humanos e apresenta o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética número 761/10 no CEP da UFSC. Só é permitida a participação de pessoas com idade igual ou superior a 18 anos. Para participar, você deverá responder algumas perguntas que descrevem situações do cotidiano e quais são suas reações comuns frente a elas.

A sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. A realização deste teste, apesar de não oferecer qualquer risco, pode causar cansaço e alguns itens podem gerar constrangimento. Você poderá receber os resultados da pesquisa e com isso aumentar seu autoconhecimento. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas avaliações e intervenções de psicólogos, por isso possuem um benefício para a comunidade por meio da ampliação dos instrumentos utilizados por psicólogos que atuam em áreas variadas.

Os seus dados pessoais e respostas serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

Ao concordar em participar desta pesquisa, você indica estar ciente que a sua participação é voluntária, que não envolve qualquer pagamento e que você pode interromper a tarefa a qualquer momento.

Você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo estudo, Prof.

Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes, pelo e-mail [carlos.sancineto@pesquisador.cnpq.br](mailto:carlos.sancineto@pesquisador.cnpq.br) ou por telefone (48) 3721-8557.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_ \*

Eu, \_\_\_\_\_ \* dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa citado, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes, do Departamento de Psicologia da UFSC.

Prof. Dr. Carlos Henrique S. S. Nunes

Coordenador do Projeto

Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina



## **ANEXO A - Anexo**

